

LAÉ DE SOUZA

♂
COISAS DE
HOMEM
—
♀
COISAS DE
MULHER

26ª EDIÇÃO

ECOARTE
EDITORA



Autor - Laé de Souza

COISAS
DE HOMEM
&
COISAS
DE MULHER

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



O desagradabilíssimo tema do adultério e o batido tema do amor podem transformar-se, na mão de um bom escritor, em momentos de prazer literário e percepção (humorística e/ou filosófica) do que é o ser humano “este monstro incompreensível”, como dizia Pascal.

O bom escritor é, aqui, Laé de Souza, cujas crônicas falam sobre muitas coisas de homens e mulheres e, volta e meia, do problema crônico da vida amorosa: a traição.

Traiçãozinha ou traição da grossa, assedio ou escapadinha, a mulher do amigo, a vizinha, noitadas ou pulinhos de muro, Laé investiga com ironia e um sorriso condescendente a humana fraqueza. Driblando a baixaria, dispensa as descrições vulgares e atenta para o comportamento humano com a nobreza dos moralistas bem-humorados.

Mas, reconhecida a obsessão principal, vemos que o livro vai por aí afora e, frequentado por personagens com nomes sublimes, extravagantes (Garibaldini, Tibúrcia, Altanésio e outras pérolas), fala também de política, de esporte, de loucura, de família, de dinheiro e tudo aquilo que nós, pessoas comuns, reconhecemos nossos temas de conversa, fofoca e reflexão.

Sim, este Nelson Rodrigues light, que caiu em nossas mãos, também diz como a vida é. E a vida é isso aí!

Gabriel Perissé

COISAS
DE HOMEM
&
COISAS
DE MULHER

Laé de Souza
crônicas

26ª edição
2018



Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Controle (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
Coisas de Homem & Coisas de Mulher
Crônicas / Laé de Souza - 26ª edição - São Paulo - SP
Editora Ecoarte, 2018

ISBN: 978-85-87588-25-8

1. Crônicas brasileiras I. Título.

02-0143

CDD-869.935

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas: Século 20: Literatura brasileira - 869.935
2. Século 20: Crônicas: Literatura brasileira - 869.935

Assessoria Editorial

G2R Comunicação

Capa

Sidney Guerra

Ilustração

Rucke

Fotografia

Nivaldo Amorim

Revisão

João Batista Alvarenga

À
Marlúcia,
companheira e esposa.

Ao
Fábio e Patrícia,
filhos e amigos.

Aos
Amigos.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Enfim, só | 09 |
| Adultério | 12 |
| Ano que vem | 15 |
| Assédio sexual | 17 |
| O vendedor de bonecas | 20 |
| Com o Feio, não | 22 |
| Cartas sobre o Feio..... | 25 |
| Como curtir o carnaval (sem a mulher) | 27 |
| Carta do Bartô..... | 29 |
| Segunda carta do Bartô | 31 |
| Uma carta não entregue | 33 |
| Deixado por uma mulher | 35 |
| No salão de danças | 37 |
| O desconfiado | 39 |
| Desconfiança | 42 |
| Do diário de uma mulher | 44 |
| A mulher do Diolindo | 46 |
| A arte de ser homossexual | 49 |
| Ainda, homossexualidade | 52 |
| A mulher certa | 54 |
| A mulher de um amigo..... | 57 |
| Pescaria do Altanésio | 60 |
| Duas preces | 63 |
| RC/00 | 65 |
| Traição da Rita | 68 |
| Será o Benedito? | 70 |
| Traição | 72 |
| Procura-se uma mulher | 75 |
| Zaróio | 77 |
| Mudança da Justiniana | 80 |

| | |
|----------------------------------|----|
| Coisas da vida | 82 |
| Traiçõozinha | 83 |
| Coisas do Natal | 86 |
| Volúpia | 88 |
| Como conquistar sua mulher | 90 |
| Glossário | 92 |
| Projetos de Leitura | 94 |
| Obras do Autor | 95 |

Nota: Nas páginas 92 e 93 constam algumas palavras com seus significados (Vocabulário) para melhor compreensão dos textos.

ENFIM, SÓ

Depois de uma discussão mais acalorada, ela mesma tomou a iniciativa da separação. Sempre aceitou tudo passivamente, serviente ao extremo e, às vezes, acreditando em coisas inacreditáveis. Mas, chegou o momento de dar o grito de liberdade.

Após a saída dele, tarde da noite, ligou para sua amiga e confidente, a quem sempre contou todas as lamúrias, para anunciar sua decisão. Ela, que sempre fora fina, baixou o nível e mandou que ele juntasse suas coisas e caísse fora. Que fosse para aonde quisesse. Casa da cunhada, da sogra, problema dele. E outra, que levasse os filhos junto. Ficariam um tempo com cada um e que começasse com a vez dele.

Pela primeira vez bebericava sozinha um uísque no sofá e, entre um gole e outro, ligava para as amigas em plena alegria sem se importar com o horário. Encontrou solidariedade e palavras de “conte comigo” em quase todas, o que lhe deu mais firmeza para empunhar a bandeira da independência. Desconsiderou uma ou outra que achou muito avanço de sua parte tomar tal decisão, pressentindo que, certamente, aquela amizade já estava encerrada.

Pela manhã, mesmo com a cabeça pesada, começou as mudanças no apartamento. Mandou pintar a sala de lilás, cor que ele detestava, mas ela adorava (será?), o quarto de azul-anil, trocou os móveis de posição, doou a cama de casal para uma instituição de caridade e comprou uma de solteiro, encaixotou os livros, escova de dentes, sapatos e outros pertences dele e mandou entregar na casa da sogra.



Depois de tudo arrumado do seu jeito, respirava aliviada. Enfim, só. Só? Agora se lembrava que tinha acabado tudo e que, no dia seguinte, não havia compromisso. Podia acordar às dez horas, pois não tinha para quem fazer café, não tinha que ensinar crianças a escovar os dentes, não tinha filhos para levar ao médico, não tinha que controlar telefonemas ou agendar compromissos. Sentiu um vazio por dentro. Afligiu-se com a falta do levar e buscar as crianças na escola, de esperar o marido chegar e resmungar do atraso do jantar, de discutir sobre para onde ir nas próximas férias, dos reclamos dele por ela fumar na mesa...

Durante vários dias, passeou pelos *shoppings*, conheceu vários salões de baile, salas de cinema e chegou a participar de reuniões feministas. Aquela viagem que

ele impediu com mil argumentos que ela fizesse sozinha, desta vez, aconteceu e fez questão de que ele soubesse. Só que não sentiu tanto prazer, o que escondeu dele, e faz segredo até hoje.

Num daqueles nostálgicos dias de chuva a que todos nós estamos sujeitos, acanhadamente deu uma ligada para ver como ele estava. Entre um papo e outro, em pouco tempo estavam pintando de novo o apartamento com uma cor mais neutra e comprando cama nova, de casal. Numa boa.

ADULTÉRIO

Casos amorosos podem ocorrer na vida, tanto do homem quanto da mulher. Alguns por acidente, outros, por sem-vergonhice mesmo! Archimedes era daqueles que estava sempre correndo atrás de um rabo de saia e sempre de novo amor. Boa pinta e de conversa bonita, entrava e saía das encrencas que arrumava com facilidade. Desculpas mil para romper, desde o amor que murchou ao arrependimento pela traição à sua mulher.

A coisa caminhava muito bem, até que apareceu a Justina. A cada justificativa, ela tinha uma proposta e o romance já estava indo longe demais. Para a viagem inesperada, pela doença da velha mãe, no interior do Pará, ela ofereceu-se para acompanhá-lo e se propôs a ajudar com seus conhecimentos de enfermagem. Na desculpa de que já não era mais o mesmo, ela indicou e até preparou chás de catuaba, moqueca de marisco mapé e ainda se prontificou a fazer um curso com uma professora que havia visto na TV, mestra em esquentar relacionamentos de casais.

Na conversa de sentimentos de remorso pelos momentos de felicidade furtados de sua esposa, que estava sempre sozinha e carente, ela explicava como experiente conhecedora, repetindo as palavras do grande filósofo seu amigo Chico Galinha, que a vida era uma só e que devia ser gozada plenamente. “O sofrimento é coisa da cabeça. Se estiver alegre, a tua felicidade também alegrará a alma da tua mulher, Archimedes.”

Vendo que a coisa não tinha jeito, teve a ideia de falar para Justina que o negócio dele agora era Cristo. Estava fechado com a Universal e tinha de acabar com

todos os pecados da sua vida. Justina, cansada daquela lenga-lenga, propôs uma despedida. Embora Archimedes se negasse, ela insistia: “Uma só, e pronto.” Ele aceitou.

A contragosto, concordou. Não lhe saíam do pensamento os últimos acontecimentos. A garota do Espírito Santo que implorou por um último encontro com o namorado e cortou-lhe o pingolim. O caso do construtor de Tietê que teve o pênis decepado pela companheira e, inclusive, ao que parece, envergonhado, fugiu do hospital. Fora os casos ocorridos no exterior e os abafados. A coisa estava virando moda e ele não podia vacilar.

No motel, enquanto a fulana despia-se toda sensual, Archimedes, de olhos fechados desconjurava. Sequer desabotoou a camisa e, de Bíblia na mão, gritava para que a pecadora abandonasse o caminho da perdição. Em voz alta, lia o *Levítico 18.20; 20.10*, *Deuteronômio 22.22*, *Hebreus 13.4*. De nada adiantou. Justina, que já tinha frequentado uma igreja, arrancou-lhe a Bíblia da mão e, lendo *João 8.3-11*, falou-lhe sobre o perdão da adúltera e



que ninguém era isento de pecado. Aos gritos, ele pedia que dela se afastasse o espírito do mal e declamava o decorado *Êxodo 20.14*: “Está na Lei, não cometerás adultério.”

O plano deu certo; mas, ao que se sabe, a notícia da doidice do Archimedes se espalhou e nenhuma mulher quer saber mais de conversa com o sujeito. Justina, coitada, com aquelas coisas na cabeça, converteu-se e frequenta uma conhecida igreja, porém, é sempre tratada com desconfiança pelas irmãs, principalmente quando estão todas de olhos quase fechados e de mãos dadas pedindo as graças de Deus.

ANO QUE VEM

Tem coisas chatas que precisamos fazer e outras que precisamos deixar de fazer, mas vamos empurrando para depois e, com a aproximação do final do ano, firmamos o propósito de começar vida nova no ano seguinte. Com o iniciar do ano, vou dar novos rumos à minha vida. No dia 31, posso me empanturrar e beber até cair, mas a partir do dia primeiro, regime alimentar, abstenia (quase total) e postura de anjo.

São poucas coisas e, com certeza, vou conseguir:

- 1) Parar de fumar e, como meus amigos ex-fumantes, fazer campanha contra o fumo;
- 2) Recusar convites para churrascos, festas de aniversário, casamentos e comemorações;
- 3) Fugir de encontros com amigos para chopadas e cervejadas e resistir firme às gozações (quando passar em frente à Cachaçaria, vou virar a cara);
- 4) Fazer *cooper* todos os dias e espantar com firmeza a preguiça na hora de levantar;
- 5) Vencer a irritabilidade e perdoar os inimigos;
- 6) Fazer aquele tratamento médico do começo ao fim sem interrupções;
- 7) Recusar-me a tomar remédios por indicação de amigos e parentes;
- 8) Participar ativamente das cerimônias religiosas do bairro e rezar, pelo menos, um Pai-Nosso antes de dormir;
- 9) Deixar de pegar tanto no pé do meu filho e de brigar com minha mulher (mesmo quando ela vier com

insinuações descabidas);

- 10) Parar de torcer para aquele time que só me tem dado sofrimento;
- 11) Ser tranquilo no trânsito e nem esquentar com fechadas e xingos;
- 12) Iniciar a tão protelada reforma da casa;
- 13) Ler aqueles livros que estão separados (faz tempo);
- 14) Responder às cartas recebidas;
- 15) Organizar, de vez, toda aquela papelada do escritório;
- 16) Resolver aquele probleminha da escritura da casa;
- 17) Não discutir nem lançar indiretas para minha sogra;
- 18) Fazer feiras todo sábado sem reclamar. E ainda me oferecer para as compras de mercado;
- 19) Tirar férias e fazer a tão sonhada viagem pelas praias do Nordeste;
- 20) Não trair minha mulher e até bloquear pensamentos maliciosos (vou resistir a todas as tentações. Desta vez, é para valer);
- 21) Não deixar, como nos anos anteriores, para iniciar essas coisas no ano que vem.

Desejo que os leitores desta crônica também consigam realizar a sua lista, principalmente em relação àqueles anseios que se aproximam do espírito natalino.

ASSÉDIO SEXUAL

Nos tempos atuais, corre-se grande risco, quando uma simples paquera pode ser interpretada como assédio sexual, com direito à vítima de “ação de indenização” por danos morais. O problema é que, geralmente, a coisa toma uma dimensão maior com a publicidade, fazendo a vítima ser mais vítima e o incriminado ser mais vilão ainda, sendo recriminado com veemência mesmo pelos homens que, quer queira, quer não, já deram uma paqueradinha ainda que descompromissada.

O Mike Tyson, que cumpriu pena pelo crime e viu-se acusado novamente de assédio, certamente deixará de frequentar boates e casas noturnas.

O Luxemburgo foi acusado de assédio, se bem que, para mim, do jeito que a coisa foi contada, pela distinta senhora, o ato se apresenta mais como tentativa de estupro do que assédio, pois segundo ela, o treinador, após insinuar-se, tentou agarrá-la. Chamar uma manicura para fazer o trabalho em seu quarto, sem dúvida, é expor-se a risco. Por isso, Casa de Massagem só frequento com uma pessoa ao lado, como testemunha de que a mulher praticou seu ofício sem ser molestada.

Tempos atrás, um médico foi filmado, no momento do exercício de suas funções de ortopedista. Para examinar o joelho de uma paciente-repórter, mandou que ela se despiu. Ficando a paciente só de calcinhas e com um avental aberto nas costas, ele, por trás, em cena constrangedora, foi acusado de boliná-la. Questionar que a moça insinuou-se e estimulou a ação é problema da defesa e não nos compete, principalmente pelo excesso,



mas deve ser considerado.

Recordo-me, com saudade, das várias cantadas na Ritinha para conseguir grandes noitadas, ao que não me arriscaria hoje. E, certamente, com uma só ela não iria. Das flores enviadas para Claudine com discreto cartão, dos olhares melosos para Dirce, dos cumprimentos com beijos longos e insinuantes na Carol, dos constantes elogios aos cabelos da Marlene, e outras, e outras que deram certo. Coisas do passado. É preferível ser chamado de bobo por não perceber “bolas” de uma mulher, a responder por

um processo e ser apontado como desavergonhado. Essa tendência inibe e, se solteiro fosse, não teria coragem de convidar minha própria mulher para um início de namoro.

Diante dos acontecimentos, criei certas precauções que, embora contra a minha natureza, procuro seguir: não convido uma mulher para dançar por mais de uma vez, não olho em seus olhos ou para suas pernas, evito entrar sozinho em elevador cheio; se der carona, ela tem que sentar no banco de trás, não me dou a gentilezas que prenuenciem exageradas, não convido nenhuma mulher para tomar um sorvete ou um chope e recuso convites. Claro que, por conta disso, deixaram de ocorrer romances e histórias de amor. Mas, também, tem uma: se levar cantada de alguma, deixo de lado meus princípios, faço alarde e denuncio por assédio porque, daqui para frente, os direitos são iguais.

O VENDEDOR DE BONECAS

A beleza feminina, sem dúvida, abre caminho e facilita negociações. Determinados ramos utilizam-se do expediente com relativo sucesso.

Há pouco tempo, um amigo que já andava endividado confessou-me ter adquirido um veículo novo a prestações, por não conseguir fugir aos argumentos e, principalmente, à beleza de uma vendedora. E já anda quase enrascado com um consórcio.

Guilhermino, vendedor de seguros, de quem o chefe, um machista nato, sempre chamava a atenção e lhe mostrava a planilha de vendas da colega, ferindo os brios do infeliz, sob os argumentos de como permitia que uma mulher o ultrapassasse em volume de negócios.

Ramiro, estabelecido com escritório de cobranças de cheques sem fundos, trocou todo o seu departamento jurídico por formosas donzelas que, após uma semana de treinamento, saíram a campo em busca dos emitentes dos “voadores”, que hoje são recebidos com acréscimos, sem muita dificuldade (com raríssimas exceções) e sem a emissão de um grande número de correspondências e intermináveis batalhas jurídicas.

No ramo de brinquedos, seguindo a tendência do mercado, é que Juju utilizou-se do expediente. Como esse segmento não é tão volumoso em vendas, apesar dos seus preços altos, não há como contratar terceiros. Assim, a

coisa funciona na base da economia familiar e a sua linda mulher é quem oferece o produto. Enquanto o coitado carrega sacolas cheias, ela vai dois metros à frente como que numa passarela, exibindo sua beleza e o mostruário com uma dúzia de bonecas. Não há como evitar de olhar ou até de aproximar-se para, pelo menos, consultar os preços. Mulheres acompanhadas dos maridos ou namorados os arrastam para longe, fugindo como o diabo foge da cruz. Fecham a cara e se ligam nos olhares dos acompanhantes que, mesmo disfarçadamente, sempre dão uma olhadela. Creia, não dá para resistir, mesmo sob o risco de levar um beliscão ou uma bolsada da mulher.

Do meu lado, uma mulher vermelha de raiva, falava ao marido: “Me respeite. Quando estiver sozinho, faça suas cachorradas, mas quando eu estiver junto, exijo ser respeitada.” E o fulano, envergonhado, tentava disfarçar. Senhores sisudos olham de soslaio e muitos adquirem as tais bonecas. Os que só olham e recusam a oferta do produto, são intimidados pelo forte Juju que adverte: “Se não quer, então, pare de olhar.” Eu mesmo comprei duas, após demorada escolha e consulta à opinião da vendedora sobre a cor do vestido da boneca. E foi suave ouvir sua voz: “Juju, pega duas deste modelo para o cavalheiro.” Meu amigo, o tal endividado, queria comprar todo o estoque e foi duro convencê-lo a levar apenas vinte, sob forte argumentação minha ao seu ouvido de que a situação econômica dele anda mal.

Segundo comentários, Juju está na região. Se, eventualmente, seu marido chegar em casa com algumas bonecas de vestidinho bordado para lhe dar de presente, fique ligada e pode ter certeza de que a dupla está negociando na cidade.

COM O FEIO, NÃO

Embora se ouçam vários chavões, como “A beleza não é fundamental”, “O que vale é a beleza interior”, ela abre caminho e muitas pessoas já tiveram sua oportunidade em função da beleza. Como candidata a uma vaga, mesmo que o cargo não seja de modelo, a mais bonita, com certeza, já sai com vantagem. Não se pode negar que, alguma vez, já demos um “empurrãozinho” ou até intercedemos em favor de alguma beldade só para receber um sorriso.

O motivo do convite para um jantar feito àquela linda vendedora, não obstante eu acreditar que tinha como meta principal o negócio e secundário a sua beleza, não poderia ser contestado com firmeza, se essa ordem fosse invertida.

Mas, a beleza também tem as suas desvantagens. Uma mulher bonita é mais observada, mais vigiada, conquista fácil inimizade de outras mulheres e fica muito exposta a comentários maldosos, em sua maioria, sem fundamentos. Se entrar em um lugar acompanhado de uma, não só ela, mas você também é objeto de avaliação. Mulheres torcem o nariz e vigiam os olhares de seus pares. Algumas chegam a chutar por debaixo da mesa, outras, mais declaradas, brigam mesmo. Já vi muitos casais se retirarem de restaurantes, apressadamente, quando uma mulher muito bonita instala-se em uma mesa próxima a deles.

Homens o olham e você sente a pergunta em seus olhos: por que está acompanhado de uma mulher



daquelas? Aproveite, porque não é sempre que se é invejado. As mulheres bonitas carregam uma tendência muito maior de ser vigiadas (inclusive o seu olhar) pelo parceiro que, de forma egoísta, quer monopolizar a beleza.

Uma linda amiga já sofreu muito com cenas de ciúme doentio do seu marido. No trânsito, foi ameaçada de morte diversas vezes, só por olhar para o carro ao lado. Eu mesmo já presenciei e, sinceramente, pedi a Deus que não atendesse aos seus pedidos de se tornar feia

e ser feliz. Várias vezes, ouvi as lamúrias do meu amigo, dizendo sentir que era traído. Em suas bebedeiras, chorava e afirmava que não merecia mulher tão bela, com o que eu sempre concordava.

Homem bonito (existem muitos) é problema também. Principalmente para a mulher que está em sua companhia. É muito mais observada pelas mulheres do que quando ocorre o contrário. Se ele é daquele tipo convicto de sua beleza e que gosta de esnobar, então, coitada dela! O Máximo era assim. Lindo até no nome. A coitada da mulher rastejava e se humilhava suplicando por um simples olhar, o que ele fazia com ar de superioridade. Nas brigas, quase sempre por ciúmes, ela perguntava: “Casou comigo, por quê?” Sinceramente, nem ele sabia responder.

Um dia, ao chegar em casa, encontrou o bilhete sobre a mesa. Aliás, parecia mais um telegrama: “Hoje, tenho quem me faz feliz. Esqueça-me.” Procurou, bisbilhotou, até que descobriu que a mulher fugira com o Feio. Foi alvo de conversas e gozações. Recordou-se de que o tal estava sempre por perto e sorria, quando ele, o Máximo, gozava de sua feiura. Não acreditava que ele, no esplendor de sua beleza, fosse traído logo pelo Feio. Ficou por uns dias a pensar na fuga da mulher, até que endoidou. Pirou de vez o cara. Juro! Você ainda vai cruzar com o tal lindo por aí dizendo: “Com o Feio, não, com o Feio não...”

CARTAS

SOBRE O FEIO

Da crônica publicada, na semana passada, sobre o Feio recebi algumas correspondências muito interessantes.

Uma, de um sujeito que se diz lindo e que concorda com os comentários, pois sofre assédio e é observado em demasia, quando entra em algum lugar com uma parceira, pois ainda não encontrou uma mulher que se equipare à sua beleza para que formem um par perfeito. Acredito, porque realmente existem homens assim. Exageradamente lindos.

Recebi outra de um rapaz, ao que me parece muito distinto, convencido de sua feiura (inclusive enviou foto, pelo que não posso discordar de seu convencimento), que diz ter recebido um alento, ao ler o caso, posto que atingira o pico da desesperança de encontrar alguém, já que, por mais feio que fosse o Feio, não poderia ser mais do que ele. Além do que, passou a ser percebido pelas mulheres. Carrega a minha crônica como um troféu e, sempre que é molestado ou gozado pelo seu aspecto, saca-a do bolso, forçando o brincalhão a ler. E afirma, ainda, que está tendo resultado positivo com uma xerox deixada, discretamente, perto de alguma garota que é do seu interesse.

Chegou-me uma carta do verdadeiro Feio. O tal da história. Dizendo-me que leu a crônica pelo jornal Periscópio e que, embora espelhe a verdade, da maneira como foi descrita fica a impressão de que é ele um cafajeste

e a mulher uma qualquer.

Feio, quero deixar claro que está longe de mim tal intenção. Tomei conhecimento dos fatos pelo Zaroio. Aliás, Feio, muitos dos casos narrados por mim foram confidenciais pelo Zaroio, resultantes de sua larga vivência em todas as classes sociais. Sei muito bem que a paixão da mulher do Máximo por você não surgiu de uma hora para outra. Foi fruto de servidão de sua parte e, mais ainda, de não ter se inibido, quando foi pisoteado e gozado, inúmeras vezes, por sua feiura, pelo lindo Máximo. Que diversas vezes, incansavelmente, enxugou as lágrimas daquela mulher que implorava por um gesto qualquer de ternura do marido que, superior em sua beleza, a ignorava. E que, de repente, ela começou a perceber que você estava presente, em todos os momentos, consolando-a. E, num instante de desespero, aconteceu o primeiro beijo. E ela percebeu que você, embora não fosse lindo, tinha tudo para fazê-la feliz, o que acredito esteja ocorrendo em toda plenitude.

O bilhete deixado para o belo Máximo, eu o vi. O Zaroio me mostrou e, pela floreada caligrafia, sua distinta concubina, com todo o respeito, deve ser uma linda mulher. As palavras, poucas, mas duras: “Hoje, tenho quem me faz feliz. Esqueça-me.”, modificaram por completo a vida do Máximo, que perdeu o juízo. E, também, com certeza a sua, pois hoje você desfruta momentos de felicidade junto a uma grande mulher.

COMO CURTIR

O CARNAVAL (sem a mulher)

Com a aproximação da festa, muitos se perguntam: “Como achar uma desculpa para passar, pelo menos até o meio-dia da quarta-feira de cinzas, longe de casa?” Até o Zarioio, criador de planos e golpes, embora não seja sua área, já foi consultado e, vez ou outra, para um amigo mais chegado dá uma dica. Evidente, como é do seu feitio, não sem antes fazer um estudo psicológico detalhado do casal. Porque, cada caso é um caso, como diz o amigo. Há que saber se a mulher é do tipo que acredita em tudo (existe a que faz que acredita), se é desconfiada, enfim, todo o perfil. Geralmente, não cobra a consulta. Não tem como. Quanto valeria a preciosa informação?

No ano passado, Cidão aplicou uma conversa de retiro espiritual. Que estava se sentindo cheio de pecados e precisava se aproximar de Deus. Seguiu os conselhos do Zarioio, exibindo a ficha de inscrição e até pagou um sujeito que fez o tal retiro em seu lugar, para não deixar a turma à sua procura pelo não comparecimento. Mas, deu com os burros n’água e acabou chegando ao conhecimento da mulher, que exigiu que ele pedisse perdão de joelhos. Em contrapartida, contaram-lhe que a mulher também deu seus pulos num baile de carnaval, durante sua viagem, pelo que levou uns sopapos. Que só não foram maiores porque lhe omitiram que, lá pelas tantas, ela com o Serjão deram aquela conhecida “fugidinha” e, segundo as más línguas, quando retornaram estavam com cara de escabreados.

Doutor Calado, com aquele seu jeito sério, reclamou dos plantões que lhe arranjaram, fruto de perseguição política, de início de governo, e de sua manifesta queda pela oposição. E a mulher dizia: “Não lhe falei que ficasse fora da política, que você não leva jeito e, ainda, como tudo que faz na vida, só vai para o lado errado? Agora, táí!”

Ninguém acreditou, quando um maldito cinegrafista da Globo deu um close no Calado só de sunga e com uma morena de seios pintados, numa linda coreografia, arrasando no carnaval de rua. A mulher até ligou para o hospital para confirmar se era mesmo o marido. Chegou a xingar a recepcionista que reclamara da insistência, dizendo que se ela não acreditava que o doutor Calado não estava no plantão, que fosse conferir. Quando o coitado chegou em casa, na quarta-feira, todo cansado do “trabalho”, foi aquela recepção. A filha, que andava às voltas e até tinha passado o carnaval acampada com um roqueiro esquisito, dava uma de moralista e, aos prantos, chamava o pai de sem-vergonha. O pior é que este ano foi mesmo escalado para o plantão. Porém, a mulher já avisou que vai junto e não vai arredar pé da recepção, onde a cada hora ele vai ter de se apresentar.

Juliano está em dúvida se vai a uma pescaria, meio desconfiado com o incentivo da mulher, que nunca foi de concordar com suas saídas. De qualquer forma, já avisou que vai levar o celular e, a cada meia hora, vai ligar para casa, ao que a fulana retrucou: “Mas, só até às vinte e três, porque também tenho direito de dormir.”

Quem tiver alguma ideia, que se ligue em todos os detalhes. De qualquer forma, eu, como detesto festas, vou passar trabalhando lá pelos lados do Rio. E, como não sou machista e acho que a mulher tem direito a descanso, acabei de deixá-la no sítio dos seus pais, em Kiprokó, onde matará as saudades da mãe e lembrará do seu tempo de mateira, tomando café torrado na hora e moído no pilão.

CARTA DO BARTÔ

Se bem que tivesse prometido para hoje a crônica sobre o Feio, por questão de urgência, publico esta carta recebida:

Não que a desconfiança seja grande, mas por diversas vezes me veio em pensamento que, pela cabeça da minha mulher não passam ideias lá muito boas, depois que mudou para cá o vizinho do número 797.

As compras, que eram mensais, agora são feitas aos picadinhos. Dirige-se à quitanda pelo menos quatro vezes por dia, fora as idas ao açougue e tudo passando na porta do 797.

Outro dia, flagrei-a dando tchauzinho, não acreditei que tenha sido para mim (embora ela tenha jurado), pois nunca fez isso em tantos anos.

Tanto tempo morando nessa rua, só agora ela resolveu fazer amizade com a vizinha de frente ao 797 e, vira e mexe, está lá em bate-papos. E o fulano não sai da janela, debruçado como se fosse uma candinha. Reclamei levemente, certa vez em que o tal, quando ela vinha da feira, prontificou-se a trazer o carrinho até a porta de casa, numa gentileza sem limites. Falei para ela: - Só faltava ele querer colocar as frutas e legumes na gaveta da geladeira! - ao que ela respondeu que meu coração estava muito endurecido e longe da solidariedade. E ainda ofendeu-me, levemente, dizendo que pelas mentes deturpadas só passam coisas ruins.

A calçada de casa nunca foi tão lavada, como nos últimos tempos, prova disso é a conta de água que aumentou demasiadamente. Um dia desses, até pensei em

dar fim ou rasgar aquele short insinuante e provocante que ela costuma usar. Mas, refletindo, concluí que não é por aí.

Diversas noites, fingindo dormir (quem não tem insônia ante a possibilidade de perder a mulher amada?), peguei-a diante do espelho usando creme de beleza e enrijecedor de seios, fora a massagem nas pernas com produto de combate à flacidez e celulite. Tudo isso me leva a crer que tem coisa na cabeça dessa mulher.

Terços rezados de joelhos e promessas que juro pagar, até agora não deram resultado. E antes que o mal cresça e aconteça o irreparável, venho implorar, por meio desta coluna, às pessoas de bem que, comigo, numa corrente de oração, rezem para tirar dos pensamentos da minha mulher, se por acaso existir, qualquer pequeno desejo de traição e para que ela enxergue somente a mim. Ou, então, caso isso seja impossível, para fazer mudar para bem longe o infeliz do número 797.

Bartô

SEGUNDA CARTA DO BARTÔ

Em razão de ter recebido nova carta do Bartô dirigida aos leitores da coluna, deixo de trazer a história do Desconfiado que, descompromissado de data, prometo publicar a qualquer momento.

Volto a escrever para esta coluna para agradecer e pedir que cessem as orações no sentido de tirar da cabeça da minha mulher ideias malucas e a visível queda pelo vizinho do 797. Creio que tenha demorado a me decidir pelo pedido de ajuda e que apenas minhas rezas e promessas foram insuficientes, uma vez que ela fugiu e, segundo comentários dos vizinhos, com o tal sujeito. O que pode ser, pois não o tenho visto e sua casa já está fechada há dois dias. E olhe que tenho passado em frente, por diversas vezes, num vaivém como que alucinado, observando atentamente.

Aqueles mais piedosos, que continuem orando, agora pela felicidade dela e resignação minha.

Aproveito para mandar um recado para minha querida mulher: “Jô, toda a culpa foi minha, talvez não tenha te amado como merecias. Me fizeste feliz e nem reparei se também eras. Sabes que me fazes muita falta, porém, não quero que sintas que seja uma maneira de pedir que voltes. Longe disso. Que o meu sofrimento seja em troca da tua felicidade que, com certeza, terás, pois bem que

mereces. O fulano, por mais que eu lhe tenha ódio, viverá momentos inesquecíveis e felizes, pois ao teu lado não poderá ser diferente. E, se em algum momento ele te fizer chorar, farei com que pague caro pelas tuas lágrimas. Sei que sofreste, ao partir, sem ao menos me dar um beijo de despedida. Mas me livraste do constrangimento de implorar para que não fosses, chorar na tua frente ou até tentar te fazer mudar de pensamentos, por piedade, o que certamente nos faria infelizes por toda a vida.

Se algum dia quiseres retornar, serás recebida com muito carinho e tenha certeza de que nunca ousarei mencionar o ocorrido com menosprezo, mas sim te valorizando pela tua demonstração de coragem na busca da felicidade. Teu lugar, em nossa casa e em meu coração, nunca será ocupado por outra mulher. Mas, que isso não seja motivo para teu arrependimento, pois maior que o meu desejo de te possuir está o meu amor e a vontade de que sejas feliz. Se precisares, conte comigo, mesmo que seja afastando, definitivamente, a possibilidade de tê-la de volta.

Jô, continuo regando nosso jardim. As flores parecem mais vivas e aquela nossa rosa perto do portão se abriu.

Não se preocupe comigo. Eu me cuido.

*Teu , sempre teu,
Bartô*

UMA CARTA NÃO ENTREGUE

Querida Jô

Escrevo esta carta para que, um dia, num momento de coragem, te entregue perfumada como está, acompanhada de um beijo de amizade.

Jô, longe de mim ter ódio de ti por escolher o risco da liberdade e a incerteza do voo sem vislumbrar o horizonte. Seria ingratidão em demasia deixar de agradecer os tantos prazeres que me deste e seria extremamente mesquinho não querer compartilhar-te, além de egoísmo querer reter-te, submetendo-te a me fazer feliz, embora, por várias vezes, loucamente assim tenha pensado, quando teus desejos eram outros que não os meus.

Nunca tenhas remorso, pois jamais pensei que fosse obrigação ou dever teu continuar a me dar amor. Se não tivesse contigo cruzado, certamente em minha passagem por este caminho, nunca teria sentido o prazer máximo ou sequer imaginado que viesse a existir. Onde quer que estejas, provavelmente estarás mais ocupada em fazer alguém feliz do que em sê-lo, pois pela própria natureza te é inerente transmitir alegria e amor e entregar-te. Que o meu sofrimento nunca seja motivo para diminuir tua alegria. Bem sabes que, depois de ti, nenhuma mulher conseguirá me preencher e, certamente, maior do que a tristeza de te perder seria a de não ter te conhecido.

Conte comigo sem nenhum receio, mesmo que com isso eu espante, de vez, a esperança da tua volta. Saiba que tu foste a coisa mais linda que passou por minha vida e que continuo vivendo. E, ainda, que guardo comigo a lição que me ensinaste de viver, intensamente, os momentos e nunca imaginar a incoerência de ter ódio por quem já se amou.

O amor que sinto será revelado e demonstrado apenas se assim o quiseres. Continuo regando aquela tua roseira vermelha que murchou, por uns tempos, mas já está abrindo outra linda flor.

Teu sempre, sempre amigo em qualquer circunstância.

Bartô

DEIXADO POR UMA MULHER

De vez em quando, como resultado de uma crônica, surgem uma carta, um bilhete, uma mensagem pela Internet ou ao vivo, como foi a crítica que recebi do Jessinei sobre as cartas do Bartô. Segundo ele, trazer a público uma demonstração de fragilidade é rebaixar-se, demasiadamente, e atinge de forma geral o sexo masculino, o que ele não pode admitir. Um homem aceitar que a mulher o abandone e, ainda, torcer para que ela seja feliz é demais, e não pode passar pela cabeça de nenhum homem de bem. Escutei passivamente os seus reclamos, que presumo se excederam por conta dos chopes e prometi que daria a resposta.

Claro, Jessinei que, dentro de uma mentalidade ainda retrógrada, não se pode aceitar que a mulher tenha vontades, desejos e ainda que decida sobre a sua própria vida. Ao homem é facultado querer que a fêmea fique ao seu lado ou abandoná-la, quando bem entender, mas a ela é proibido ao menos pensar nessa possibilidade. Quando abandonada, em geral trocada por uma mais moça e jeitosa (não condeno o amor pela beleza), em medidas extremas, a mulher vai aos faniquitos e, em alguns excessos à baixaria, sendo raras, as vezes, em que parte para atitudes mais graves. Mas o homem, dentro do seu suposto direito de dominador, não pode aceitar que a mulher o abandone. Acha que, no mínimo, ela tem de levar uma sova que deixe marcas para que se arrependa de tal comportamento. E se foi para ir viver com outro, o tal também se arrisca porque foi cúmplice da possibilidade da mulher amar mais

uma vez.

Para ser sincero, Jessinei, eu acho que você aplaudiu, quando um marido tentou matar sua mulher no Shopping Eldorado em São Paulo. Ela queria separar-se e ele não aceitava. Você deve ter sofrido quando ele, não conseguindo matá-la, matou-se. Deve ter achado que fez bem um outro de Diadema que, vivendo a angústia da separação (quem não fica com aquilo martelando na cabeça?), na madrugada, como se fosse um ladrão, arrombou a porta, arrastou a ex-mulher e o amante para fora, executando-os a tiros. E, ainda, não satisfeito, esmagou a sua cabeça com uma pedra. Deve ter encarado como normal a notícia de um outro que matou a mulher que o abandonara a machadadas. Você deve ser do tipo que comunga com a ultrapassada teoria de defesa da honra, que já fez com que muitos homens continuassem em liberdade, após terem assassinado uma mulher.

Está certo que, de vez em quando, a mulher também apronta uma. Já tivemos notícia de mulher que matou por amor ou até cortou o *Bráulio* do marido ou namorado, o que é condenável, pois cada um tem direito de decidir sobre seu destino e não se pode extirpar a esperança da felicidade.

Embora a mulher tenha conquistado direitos, a mim não espanta que um tal Gilberto “Sorriso” (pasmem!), técnico de um time de futebol feminino, tenha dito que as mulheres têm raciocínio lento. Mentalidades como essa, voltadas mais para uma cultura machista do que para a realidade, fazem com que diminua a esperança da nossa geração obter a plena liberdade da mulher.

Bartô, continue desejando a felicidade de sua ex-mulher, mesmo que seja com outro, desprendido do sentimento de posse, numa demonstração de amor, porque você, como poucos, já está em outro século. A você Jessinei, aquele abraço...

No SALÃO DE DANÇAS

Ermenegildo é o sujeito que toda mulher desejaria como marido. Não reclama de nada, faz todos os gostos e vontades, desde cuidar dos filhos nas crises de choro até pagar os carnês de impensadas compras no crediário. Exigente apenas no trato que deve ser dado à sua roupa de uso nos fins de semana. A calça branca precisa estar impecavelmente passada, a camisa bem engomada e o sapato bem engraxado, serviço que é feito pelo seu filho, Baixinho, em troca de umas balas Juquinha, nas manhãs quase-tardes dos domingos, quando acompanha o pai para um bate-papo e alguns tragos no Bar do Magrão.

Nas noites de sexta a domingo, com certeza, Ermenegildo poderá ser encontrado no Bailão, geralmente acompanhado da mulher. Mas, vez ou outra, a sogra, com uma desculpa qualquer (elas sempre arrumam uma), recusa-se a cuidar das crianças e ele acaba indo sozinho ao baile, para alegria das mulheres dançarinas. O tal é um pé de valsa e grande passista, não perdendo uma só música. Mesmo no intervalo, o descanso é dos músicos, pois ele, ao som de um disco na vitrola, desliza pelo salão demonstrando sua habilidade.

E foi no Bailão que conheci também outros frequentadores assíduos. Mirtes, que a pedido da vizinha que detesta barulho, como um favor, acompanha seu marido aos bailes. O que é motivo de cochichos das irmãs

Manegal, que observam tudo e dirigem seus olhares severos, quando ela descansa sua cabeça no ombro do Joca.

Paulão, que passa a noite inteira sentado como que colado à cadeira e toma quase um engradado de cerveja, enquanto sua mulher, ao seu lado, balança-se e ensaia passos sozinha. Ao aproximar-se de um cavalheiro desavisado, ela vira-se de costas, como quem não vê, para evitar cenas de ciúmes do marido.

Carlão, que diz à mulher que está frequentando reuniões dos alcoólatras anônimos, todos os finais de semana, e anda sempre em companhia de Dorinha. Ela sai de casa com uma Bíblia e diz ao marido que vai para a Universal e, às vezes, arriscando-se, até insiste para que ele a acompanhe.

Didi, que ensaia passos curtos e desritmados, deixando até damas experientes perdidas, chegando mesmo a travar como se estivesse robotizado, perdendo até para o Japonês, no seu ritmo louco de samba. Inventor de floreios esquisitos, seus ensinamentos constroem as dançarinas e horrorizam os professores.

Marta que, contrariando os princípios da dança, embora tenha tomado umas aulinhas com meu amigo professor Virgílio, frequentado as escolas Cavacchini e rapidamente passado pela J.C.Viola, não aceita comando do cavalheiro. Quem dançar com ela terá de ceder ao seu estilo e segui-la para aonde quiser ir, sob pena de ser chamado de machista e deixado em pleno salão.

Peninha que, mesmo sem qualquer molejo, arrisca-se a entrar no samba. De perna dura, mexe-se todo, ao dar um passo, mas percebe-se que a música já está dentro dele.

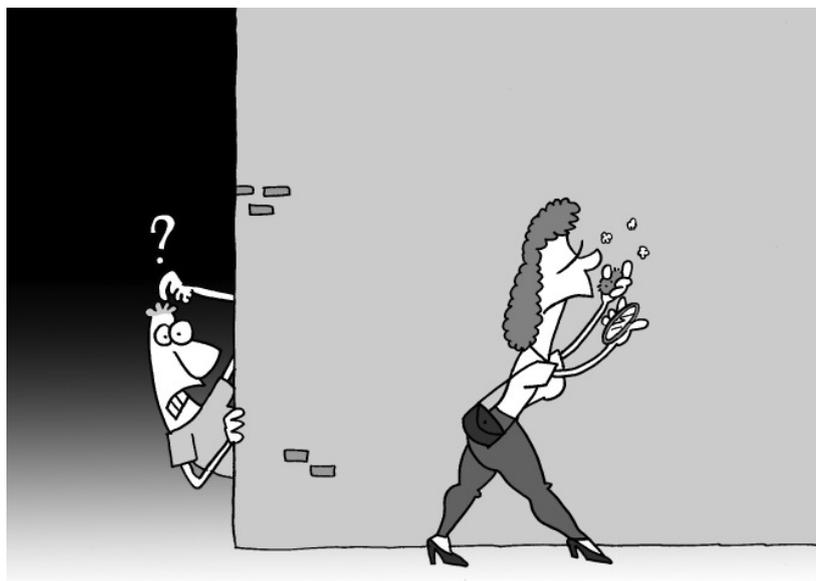
Além de outros, com e sem dramas e conflitos, dançarinos e pés de chumbo, mas todos com objetivo de alegrar-se e sentir a arte da dança de salão.

O DESCONFIADO

Ediliando nunca foi de ficar xeretando, porém, observava que, de uns tempos para cá, a mulher andava se perfumando mais, se enchendo de anéis e se vestindo na moda. Procurava desviar o pensamento, mas, às vezes, não dava para dominar e era um tormento que chegava a lhe tirar o sono. Várias vezes acordou à noite com desculpa de ir ao banheiro e, na ansiedade, ia até a cozinha consumir um danone ou um pedaço de bolo e custava a pegar de novo no sono. Percebeu que ela se acostumou a sair e, por diversas vezes, controlou o horário, mas a demora era tal que dava para fazer muitas coisas erradas e não tinha como não lhe passar más ideias pela cabeça.

Quando questionada, a mulher ora lhe respondia com evasivas, ora dava respostas malcriadas, que ele matutava, no seu canto, que a coisa não era certa e que ela estava escondendo safadeza. Tanto assim que ele resolveu investigar.

Por duas vezes, fingiu ir trabalhar e espreitou o dia inteiro, sem que a mulher saísse de casa. Num sábado à tarde, ela saiu dizendo que ia dar uma volta pelo shopping e até o convidou, mas ele achou que aquele convite era de “agá” e, fingindo displicência, recusou. Seguiu-a, e ela foi mesmo ao shopping. Noutro dia, dizendo que ia com um grupo de amigas distribuir comida para os pobres, saiu rapidamente e até aonde ele a seguiu (sentiu medo de entrar na favela), ao que tudo indicava, ela estava mesmo fazendo caridade. Numa noite, disse que ia para a missa e novamente o convidou; mas ele, que nunca foi



de frequentar igrejas, recusou. Contudo, em observações, constatou que a mulher realmente entrou na igreja e de lá só saiu, quando terminou a missa.

No dia seguinte, disse que ia fazer visitas de caridade, num ritual que há meses praticava, depois que começou a se reunir com o tal grupo de amigas que se propunha a ajudar os pobres. Ediliando questionou ainda que se era para fazer caridade a pobres e descamisados, por que se embelezar tanto? Isto a deixou irritada e com cara de abismada pela desconfiança. Por fim, saiu e ele atrás espionando. Entrou numa casa e demorou, num tempo que dava para o coitado do Ediliando perder o juízo. Após fumar três cigarros, não se aguentado mais, dirigiu-se à casa e bateu com a força de quem estava disposto a briga e até à morte, se preciso. A mulher saiu acompanhada de uma velhinha e demonstrou espanto ao ver o marido. Passou-lhe uma descompostura e falou-lhe uns desaforos, toda cheia de razão. Ediliando, envergonhado, pediu perdão pela

desconfiança e beijou a mão da velhinha que o abençoou e lhe falou que se desse por feliz e agradecesse a Deus por ter tão generosa mulher. Ediliando, com o coração feliz, saiu arrependido de tanta maldade que lhe passou pela cachola, enquanto lá dentro, sua mulher, num calafrio, jogou-se na cama e o neto beijou a vovozinha agradecido por ter-lhe salvo a vida e poder continuar com aquele romance que era a sua razão de viver.

DESCONFIANÇA

A coisa inicia-se quando ocorrem comportamentos fora da normalidade. O fulano que sempre foi fechadão, começa a dar uns sorrisinhos, esboçando felicidade. Ela reclama de uma dor de cabeça insistente, para a qual não há remédio que dê jeito, tem sono constante, evita estar a sós com ele e foge das carícias.

Sempre que a mulher se veste com mais beleza e se trata mais, nem passa pela cabeça do parceiro que ela andou lendo livros de como conquistar o marido ou de como levantar o astral. Encafifa-se que tem coisa e não há quem tire. Aí, inicia-se uma maratona pela descoberta da verdade que, por mais evidências e mais séria que seja a mulher, ele nunca acreditará que foi só sua própria imaginação. Poderá até perdoar, mas conscientizar-se de que errou, nunca. Ele já não dorme direito. E quem poderá dormir, sabendo que a mulher anda com os pensamentos em outro e que, às vezes, nem se imagina quem é? Este é outro ponto fundamental e que tira a tranquilidade: saber quem é o outro. Mesmo que se tenha certeza, quer-se um flagra ou, pelo menos, uma confissão. Vários expedientes são usados. Já vi muitos perderem dias de serviço seguindo a mulher.

Afinal, de que vale um emprego, quando se está perdendo a companheira? Revirar bolsas em busca de telefone ou frases de amor rabiscadas em papéis e guardados com carinho; ler diários (algumas arriscam-se a escrever suas histórias e casos); tentar ler seus pensamentos; correr terreiros de umbanda em consultas a pais de santo para ouvir se tem sentido a sua desconfiança.

Outros, cansados de nada descobrir, resolvem pela contratação de um detetive particular para apurar a verdade e o cafajeste que ousou destruir seu lar. Muito utilizada é a escuta telefônica. Eu jamais ousaria ouvir uma gravação sem que a pessoa que estivesse sendo gravada soubesse. É grande o risco de estarem falando mal de você. Mesmo que não se descubra traição, as mulheres costumam trocar confidências e fazem muito uso do telefone. Reclamam dos seus maridos, falam de galanteios recebidos. Já vi muitas falarem o diabo do marido só para tirar da outra olhares melosos que ela percebeu serem dirigidos ao fulano.

E quem não sabe o porquê das coisas, acaba levando a sério e, às vezes, complicando um relacionamento. Lidinalva, piranha de primeira linha, ao perceber um grampo, elogiava o marido ao telefone e confienciava a “amigas” fidelidade até a morte, o que lhe valeu muito e fez com que seu marido cortasse relações com amigos que insinuavam traição de sua mulher.

A desconfiança faz sofrer, portanto, saiba que nem sempre as evidências correspondem à verdade. Certo amigo costuma, para se livrar do incômodo de interrupções e, quando o assunto exige, trancar-se num motel com a secretária para trabalhar. Conhecendo o fulano, eu acredito, mas, com certeza, a mulher vai ter pelo menos uma leve suspeita. Tem gente que só de sonhar que o parceiro traiu, pensa que os anjos lhe mandaram um recado e já acorda esbofeteando. Mas, a coisa não acontece assim tão fácil.

DO DIÁRIO

DE UMA MULHER

Juliano esbravejava. Mataria a mulher de qualquer jeito, não importava se as consequências fossem o ódio dos filhos, praga da sogra, cadeia. Ele se vingaria da traição. Onde já se viu abandoná-lo sem mais nem menos para ir viver com outro?! E o fulano também ia levar a pior para aprender a respeitar o lar alheio.

Ferdinando e Marilda, casal sempre apaziguador, acostumado a colocar panos quentes nas brigas dos amigos, trataram de marcar uma reunião com os dois para que, frente a frente, resolvessem o impasse. Se bem que, como dissera Nando para a mulher, conhecendo o ciumento do Juliano, a coisa não ia se resolver com facilidade e Ditinha tinha ido longe demais, de forma que a parada era dura. O fulano, a contragosto, aceitou que Ditinha fosse àquela reunião, sentindo uma pontinha de ciúmes daquele encontro com o “ex”. Custou a aceitar seus argumentos de que não convinha acompanhá-la.

Entre xingamentos e ameaças de surrá-la, o que obrigou Nando a segurar Juliano, embora Ditinha mandasse soltá-lo para ver se ele tinha coragem mesmo, iniciou-se a reunião.

De nada adiantaram os pedidos do casal para que Ditinha deixasse de bobagem e retornasse ao lar, o que Juliano aceitaria em consideração aos amigos. Descartada a reconciliação, Juliano, entre grito e choro, reclamava por

ela ter feito aquilo sem ao menos preparar-lhe o espírito. “Ledo engano”, dizia ela. “Por várias vezes lhe avisei. Lembra daquele churrasco, quando eu choramingava, enquanto você indiferente se empanturrava de carne? Daquela festa do chope em que você se embebedava e ria com seus amigos enquanto eu tomava um guaraná num canto, sozinha? Cheguei a falar-lhe que as coisas estavam se complicando, e você nem aí. Fui mais clara ainda naquela pizzaria, onde tomei também vários copos de cerveja (e você nem percebeu que eu bebia) para me encorajar e contar-lhe minha decisão. Enquanto eu, séria e temerosa, contava-lhe que já não lhe tinha o mesmo amor, que começava a me apaixonar por outro e, muito provavelmente, iria viver com ele, você só se preocupava em comer pedaços da pizza, reclamar ao garçom pela falta de sal, do ponto do gelo da cerveja e em paquerar a moça sentada na mesa em frente. Quando saíamos e eu afirmava que queria terminar tudo sem brigas, você se virou para olhar mais uma vez a moça e, agora tenho certeza, nem me escutava. Antes, algumas vezes, já tinha deixado você perceber e em outras fui direta, mas como sempre, você nunca me ouviu.”

Nando respirou fundo e Juliano deixou correr uma lágrima, sentindo que perdera uma grande mulher.

A MULHER DO DIOLINDO

Não é de hoje que esta mulher vem dando dor de cabeça ao Diolindo. Já nos tempos de namoro, quando ele vinha se preparando para o casamento, no final do ano, contabilizando receber o seu salário de ajudante de marceneiro junto com o décimo terceiro para dar entrada nos móveis, ela fez desmanchar todos os planos com uma gravidez inesperada. Tencionava preparar terreno e chamar o patrão para ser padrinho de casamento e, no mínimo, ser presenteado com uma geladeira, mas, sem tempo, foi tudo por água abaixo.

Foi confiar em tabela, deu no que deu. O pior é que ela saiu alardeando, aos quatro cantos, e a sua tia Genilda chamou os dois na conversa, proibindo chás e quaisquer outros métodos abortivos, sob pena de infernizar a vida dele. Não adiantou dizer que seria melhor aguardar um pouco, com uma promoção próxima, ele, como oficial marceneiro, estaria em melhores condições para criar um filho. A velha quase não falava, enervada diante do atrevimento e deixava claro que, se por acaso passasse pela cabeça do mancebo qualquer pensamento de escapulir, era bom que se lembrasse que o pai da moça era nordestino de sangue quente, acostumado a não levar desaforos para casa e que fora duro convencê-lo a não fazer uma loucura, o que não estava descartado de todo.

Tiveram de fazer um casamento às pressas e morar

em um quarto nos fundos da casa dos pais dela. Além da dívida dos móveis, tinha ainda de aguentar a sisudez do sogro que ficou uns tempos sem lhe olhar na cara, como se a culpa fosse só dele. E ainda os mandos e desmandos da sogra que invadia sua casa à hora que bem lhe aprouvesse.

Nascido o moleque, a mulher cismou de voltar a estudar. Uma intranquilidade para Diolindo que, após discussões e cenas de ciúmes, teve de ceder. Mas deixou bem claro que não gostava da ideia de mulher casada estudar.

Meio desconfiado, ia buscar a mulher todos os dias, no colégio, e reclamava mais ainda nos dias de chuva. A mãe de Diolindo cochichava, nas fofocas familiares, que a moça nunca fora de gostar de estudo, certamente, se estava agora com essa vontade toda, era só para deixar a trabalhadeira de cuidar do filho para a mãe dela e infernizar mais ainda a vida do seu filho. Também, é pouco para ele. Quem mandou não seguir seus conselhos. Sempre lhe avisara que aquela moça ainda ia lhe aprontar alguma.

Há pouco tempo, ela veio com a conversa de que o relacionamento estava em início de crise e que, para combater o tédio, precisavam de uma viagem a dois, sem filho, para fazerem a lua de mel que não tiveram, quando do casamento. Insistiu e infernizou tanto que Diolindo acabou cedendo. Na viagem de sete dias que fizeram a Camboriú, divertiu-se no mar, é verdade, mas não viu nenhum amor renovado e, ainda, teve de trabalhar uns bons tempos em horas extras para pagar as prestações do pacote da Turistur.

Outro dia, a fulana, veio com uma história contando que estava com ideia de comemorar o aniversário de casamento com um churrasco para os amigos e vizinhos e que já estavam todos convidados. Quando ela falou que já tinha encomendado a carne e a bebida, Diolindo, que sempre fora de aguentar firme, cedeu ao impulso e deu-

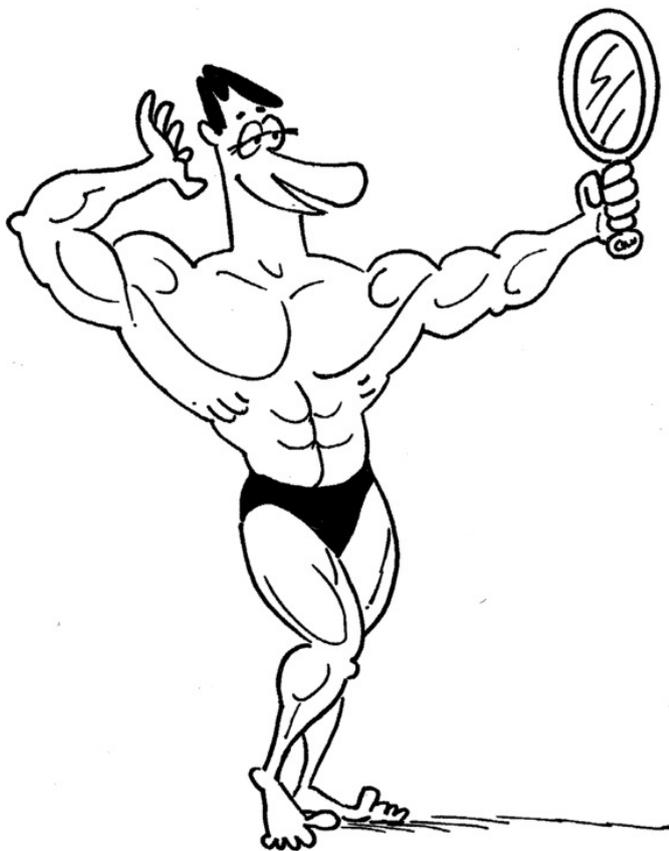
-lhe uma sova. Daquelas que, às vezes, passa pela nossa cabeça aplicar. O que fez a mulher cancelar rapidinho o tal churrasco e aprender que se deve consultar o marido antes de realizar as vontades.

A ARTE DE SER HOMOSSEXUAL

Vivemos tempos em que, supostamente, é aceita pela sociedade a opção pela preferência sexual. Conquanto o homossexualismo ainda seja encontrado, nos dicionários, como desvio de conduta sexual, modernamente não é este o entendimento. É evidente que uma maioria resiste e critica a liberação. E que outra parte simula concordar, escondendo o preconceito.

A vida em comum entre seres do mesmo sexo não pode ser encarada como final dos tempos. E chegará o dia em que não será mais motivo de cutucões ou galhofa a demonstração de carinho em plena rua entre dois homens ou duas mulheres. Mesmo porque a História nos mostra exemplos de figuras do passado com tendência a paixões pelo mesmo sexo. Recentemente, aventou-se a hipótese de Zumbi ter sido gay, o que foi contestado com veemência pelos seus admiradores, como se isso fosse um desprestígio ou mancha ao herói negro. Fiquei confuso quando, num bate-papo descompromissado, um gay contestou a possibilidade. Não tive coragem de perguntar se achava que pensar assim era desmerecer Zumbi. Claro que já vimos muitos gays se esconderem por meio de demonstrações de rudeza e força. Todavia, deixo claro que nada posso afirmar e nem pretendo, aqui, investigar a preferência sexual do Grande Homem.

Se noutros tempos era difícil assumir, não podemos



deixar de observar que ainda hoje é um gesto de coragem a manifestação de opção sexual de um homem por outro e de uma mulher por outra. Não são raros os casos de amor secreto e de vários que viveram sozinhos e envergonhados dos seus desejos. Está certo que não se apregoa o ridículo, mas não se pode ver com assombro uma postura de naturalidade na busca de uma satisfação pessoal. Óbvio que se tiver como objetivo algum cargo de destaque, pelo menos por hora, é bom que se resguarde e não assuma

publicamente.

Embora tenha surgido, na televisão, um casal tentando derrubar dois preconceitos ao mesmo tempo - homossexualismo e cor - muito lindo, mas para novela. Na vida real, não é só fazer o enxoval e ir viver junto. É difícil desde alugar o apartamento até fazer o chá de cozinha. A própria lista de convidados é complicada de se preparar e muitos, com certeza, deixarão de comparecer, mesmo porque nem todos os seus amigos são homossexuais ou aceitam de bom grado a situação e, com certeza, encontrará, no meio deles, algum que fará de tudo para não se consumir o tal casamento.

Declarar-se ou não, vai depender de cada um ver se chegou o momento certo. Afinal, tenho percebido que a sensibilidade dos gays chega a superar a de muitas mulheres. E, mesmo em novos tempos, ser homossexual continua sendo uma arte que não está ao alcance de todos.

Antes de criticar, reflita sobre a possibilidade de ser ou ter alguém assim próximo, ascendente, descendente ou colateral. Além do que, uma propensão ou desejos bloqueados podem explodir a qualquer momento e você poderá empunhar a bandeira e aliar-se a uma luta que está longe do fim.

AINDA, HOMOSSEXUALIDADE

Da última crônica “A arte de ser homossexual”, por pouco, muito pouco, não digo: “É brincadeira, esqueçam e pronto.” Fui abordado, recebi insinuações e até uma cantada.

Um fulano achou que não é justo defender interesses pessoais e vir estimular que o gay se declare. Não quis nem saber de conversa de novos tempos, e eu que me contivesse. Um amigo ameaçou cortar o relacionamento, temendo que se presume a existência de um “caso” camuflado entre nós. E quase exigiu que eu me retratasse. Um homossexual assumido me cumprimentou no meio de todo mundo: “Aí colega, vai firme que você tem o apoio da nossa classe.” Uma fulana com quem eu estava na paquera e com o namoro quase por acontecer, de repente, virou-me a cara e se recusa a me cumprimentar. Não quis nem saber de satisfações e foi clara ao dizer que, quanto mais eu falasse, mais me complicaria. Por conta disso, também deixei de receber presente do dia dos pais e percebi que, no almoço, era observado de frente pelos filhos e de soslaio pelas filhas e, ainda, vi umas duas vezes minha mulher choramingando num canto. No bar, percebi que era apontado e, pela orelha ardendo, o cochicho era sobre mim, tanto é que um senhor, de longe, me fez sinal oferecendo um uísque e me deu uma piscada. De um amigo da Bahia, recebi uma carta com formulário para

entrar no Movimento Gay e, por telefone, proposta para presidir uma subseção. O patrão me deu uma chamada, achando que não ficava bem e poderia influenciar o seu negócio. Foi claro, se eu quiser dar bandeira que arranje outro emprego porque lá, não.

Por outro lado, também apareceram coisas positivas: uns dois ou três se encorajaram e resolveram assumir. Diolindo me confirmou que depois de ler a crônica, chegou em casa, reuniu toda a família (mulher e filhos) e se declarou homossexual, nem ligando para os chiliques da mulher, os murros do filho e ainda se alegrou com a cara de assombro da sogra. Assobiando Boemia, reuniu seus pertences, jogou a roupa na mala e foi morar, provisoriamente, numa pensão, até que seu “namorado”, que pediu um tempo, também resolvesse declarar para a família sua paixão por ele. Alguns ficaram inquietos, tiveram rompantes de assumir, mas na hora H faltou coragem, o que é natural.

Um tal, que andava desconfiado de que eu tinha um caso com a sua mulher, deu-se por satisfeito e riu de ter imaginado tal disparate. “O cara é gay e eu querendo dar-lhe um pega por estar muito de papo com a minha mulher! Decerto que estão falando de pinturas, penteados, cremes e poesia.” Em contrapartida, tem um outro que se enfezou mais e achou que é artimanha e cena para confundir o adversário e alardeou que, quer seja verdade ou não, vai me dar uma sova.

Tudo isso, não para desdizer ou declarar-me heterossexual ou machão, mas apenas confirmar que, realmente, para assumir a condição de gay, ainda que com toda a evolução do século, o homem ou a mulher “come o pão que o diabo amassou.”

A MULHER CERTA

Claudomiro, sentado na cama, fazia uma retrospectiva. Agora, casado há três meses, pensava nas mulheres que namorou. De algumas, prestes a contrair núpcias, desistiu. Rita, para quem responde até hoje um processo de indenização moral, por tê-la deixado em pleno altar, numa espera sem fim. Também, a culpa fora dela mesma, pois, só nos últimos dias de namoro, é que descobriu sua frieza. Adelaide, muito bonita, tinha o grave defeito de, após a refeição, chupar os dentes para retirar os restos de comida que se alojavam em alguma fresta. Podia ser no restaurante, na frente de ministro, presidente, não importava.

A (*), era o nome. Motivo de chacota entre os amigos. Por uns tempos, tudo bem, mas ouvir aquele nome por toda a vida, era demais. Lúcia era a voz. De boca fechada, era uma beleza; mas, quando começava a falar, doíam os ouvidos. Dolores, uma loirona de atrair olhares desejosos, contrariando o estereótipo, era inteligente demais. Sabia de tudo e não tinha nada de que se fosse falar que ela não dominasse. Muitos homens não suportam que sua mulher saiba mais do que ele. Claudomiro ficava deste “tamainho” perto dela. Gildete era gasta demais. Já, nos tempos de namoro, exigia presentes dos bons e frequentar os melhores restaurantes. E todas as datas tinham de ter uma “lembrancinha”. Dia que se conheceram, dos namorados, das crianças, da secretária, dos professores (embora ela só

() Deixo de mencionar o nome por ser minha amiga e conhecer os seus problemas psicológicos.*



tivesse o diploma), da mulher e mais e mais. Parecia que fazia parte da associação dos comerciantes.

Bruna era a memória. Não conseguia se lembrar de nada. Até o nome dele, de vez em quando, dava um branco e o chamava de Coisa ou então Bem. Andava com papelzinho em tudo quanto era lugar com anotações que, geralmente, perdia. Vanilda, a cultura. Desconhecia qualquer assunto. E dava risada da sua santa ignorância, como se fosse uma glória. “Eu que não vou quebrar minha cachola com essas coisas”, dizia ela em gargalhadas. Nunca ouviu falar em Stanislavski, Máximo Gorki, Maquiavel ou Freud. Dinorá tinha aquela verruga entre os seios que parecia um terceiro. De roupas, tudo bem, mas despida, parecia coisa do outro mundo.

Acertou em cheio ao se casar com Tibúrcia. Fala fluentemente inglês, francês, espanhol e, ainda, arranha

alemão. Conhece vários assuntos e evita tocar naqueles que ele desconhece. Nas raras discussões, xinga-o em alemão, que ele não domina, e ele a xinga em japonês, que ela não entende. Mulher doce e sensual. Só na hora de dormir é que ele tem de usar um aparelho auricular para não ouvir os seus roncos, mas tudo bem.

A MULHER DE UM AMIGO

Apaixonar-se ou desejar a mulher de um amigo, não é nenhuma novidade. Roberto Carlos, há quase um quarto de século, já cantava estar amando loucamente a namoradinha de um amigo. Só que amava de forma discreta e, segundo a canção, sentia-se constrangido e fazia de tudo para que os dois não soubessem. Mas, não é o que sempre ocorre. Quem já não se sentiu observada por um amigo do marido ou namorado ou até já foi paquerada por um mais saliente?

Não se deve confundir com desejo aqueles olhares fixos que determinadas pessoas têm por vício e que dirigem a qualquer outra, independente de sexo ou beleza. Agora, quando se percebe, claramente, que a intenção é assediar, situações diversas podem ocorrer, desde chamar o sujeito e passar-lhe um pito até estimular a paixão. É verdade que vai depender de cada um e do momento. Mesmo que a mulher seja das que gostam, não vai querer perder tempo e arriscar-se com o que não valha a pena, portanto, se o sujeito é daqueles que não lhe acende o espírito, corta-lhe a asa de imediato. Já vi casos de encostar o Dom Juan, na parede, e contar para o marido a espécie de amigo que ele tem. Muitas vezes, a coisa que começa com olhares apaixonados, a princípio desviados e depois correspondidos, roçar de pés por baixo da mesa, cumprimentos efusivos e longos, estende-se a encontros



furtivos e uniões estáveis. Há mulheres que ficam no “não sei, não é certo, não é do meu feitio” e enrolam anos e anos sem conclusão alguma. A que não quer nada, o sujeito insiste e ela fica na situação embaraçosa de recusar sempre e, ainda, evitar que o marido perceba a investida indiscreta do fulano. Existem também aquelas que nunca aceitaram e jamais aceitarão qualquer proposta indecente. Questão de princípio e cultura religiosa. Tem a que, embora não lhe agrade, aceita só para se vingar do marido que paquerou, com sucesso, uma amiga sua no passado ou, então, pelo seu comportamento, está a merecer uma lição. A que sem querer chegar à situação comprometedora, deixa acontecer para ter razão de sentir a alegria de uma nova paixão. Só que há de se cuidar, porque ninguém é bobo e percebe-se quando a felicidade é por um novo amor.

E, quando a mulher percebe que o seu marido,

que nunca foi de lhe presentear, começa a agradar o casal amigo com presentes e lembranças, mesmo que simples e de pouco valor e, disfarçadamente, vez ou outra só para a mulher... Umas dão corda para ver se pegam um flagrante, outras já partem para a briga e o tal se defende como pode, desde achar absurda a imaginação da mulher, até ameaçar-lhe dar uns sopapos pela ofensa.

De qualquer forma, não é de se viver preocupado com tudo isso, pois já não basta viver vigiando estranhos, agora, também amigos, já é demais!

PESCARIA

DO ALTANÉSIO

Altanésio, que sempre gostou de aprontar e principalmente farrear, alegrou-se quando recebeu o convite do Tico para uma pescaria. Aceitou de pronto sem consultar Dirolinda, sua mulher. Convencê-la de que a coisa era séria e que só iria gente direita, não foi fácil. Principalmente porque já passavam pela cabeça dele noitadas maravilhosas regadas a uísque e show de lindas mulheres. Tanto fez e emburrou a cara, por uns três dias, que não deixou outra alternativa a Dirolinda, senão deixá-lo ir. Quem conhece Altanésio sabe que, quando ele põe uma coisa na cachola, não há quem tire. Persuade de qualquer jeito, embora tenha aquela cara de safado que não engana ninguém. E a coitada da Dirolinda conhece muito bem o sujeito, mas fazer o quê? “Vai com Deus Altanésio, mas juízo”, disse ela tristonha. Enquanto o sem-vergonha respondeu com cara de ressentido: “Mas que desconfiança é essa, Linda?”

Arrumadas todas as tralhas, tarefa que ficou por conta dos companheiros, Altanésio cuidou de suas coisas. Desodorante, barbeador, perfume, xampu, condicionador, escova de sapatos e roupas bem arrumadas, sem esquecer, é claro, de uma meio surrada. Diante do olhar suspeito da mulher, foi logo cortando qualquer insinuação, rebatendo com dureza: “Tú não tá querendo, só porque vou pro meio do mato, que eu vá que nem mendigo. Tú sabe que

eu sempre gosto de andar nos trinques.” Ficou meio sem rumo, quando a mulher lhe perguntou o nome do rio em que iria pescar, mas como sempre, jeitoso, saiu com a desculpa de que o mais importante é que lá tinha cada peixe que dava gosto. Dirolinda fez de conta que acreditou e até ajudou a colocar as coisas na bolsa de viagem.

Altanésio, quando viu as coisas preparadas para a pescaria, já sentiu que a turma estava indo mesmo com o intuito de pescar. Quando cochichou com o Tico sua intenção de badernar, nas noites, percebeu o fora que tinha dado. Deixar de pescar, para sair perdendo noite de sono com bagunça, é coisa de doido, ainda mais que, na semana passada, um pessoal tinha pescado um dourado desse tamanho. “Vai me desculpar Altanésio, mas não vai dar.” Ainda mais que estava junto seu Doniro, homem sério, e só de perceber que estava passando essa molecagem pela cabeça dele, a coisa poderia se complicar e, com certeza, as mulheres ficariam sabendo. Tanto fez, conversa com um, com outro, que conseguiu convencer a turma a dar um fogo no seu Doniro, no último dia da pescaria, para saírem na cidade e dar uma zoada pelas boates. Os dias de pescaria foram um tédio para Altanésio. Cansou de tanto limpar peixe. Ficar com molinete na mão esperando um peixe não era coisa para ele. O que ainda confortava era saber que estava chegando o dia da grande farra que, conforme informações sondadas com moradores, prometia ser brilhante.

Na manhã do grande dia, como não estava nem aí com a pescaria, ofereceu-se para ir à cidade comprar cerveja. Deu uma ligada para casa e estranhou que a Dirolinda não estivesse chorosa, nem brava. Ao contrário, até estimulou uma esticada na pescaria. Coçou a cabeça e aquilo não lhe saiu da mente. E da cidade até o rio os pensamentos o atormentaram, tanto que resolveu encerrar

a pescaria. Embora os amigos insistissem e o seu Doniro já estivesse embriagado, não quis saber da noitada e caiu na estrada com destino à sua casa. Chegou de surpresa e achou esquisito encontrar Dirolinda, que nunca fora de beber, bem trajada e bebericando um uísque. Também fez de conta que engoliu as desculpas, mas ficou convencido de que, ao contrário dele, ela se divertiu e muito na sua ausência.



DUAS PRECES

PRECE DE UMA MULHER

Senhor,

Tu que és bondoso e tens poder, ouve-me e atende aos meus pedidos:

Que o meu marido esteja sempre pronto a atender os meus desejos, mesmo os mais absurdos; que esteja sempre interessado e atento ao que falo, mesmo que sejam comentários fúteis sobre vizinhos ou parentes; que nas discussões familiares e, principalmente com os filhos, sempre esteja do meu lado e me dê razão, mesmo que eu não tenha; que atenda sempre aos meus pedidos de depósito em minha conta bancária sem questionar; que não reclame dos presentes que “damos” à minha família; que não implique mais com aquela minha amiga; que renuncie ao seu jogo de futebol, nas tardes de sábado, para ir a um passeio comigo ao zoológico ou ao cinema; que me leve a assistir ao show da velha Jovem Guarda no Olímpia; que não faça elogios a nenhuma senhora e, se possível, que não tenha olhos para enxergar nenhuma outra mulher; que me dê de presente um carro novo para que aquela minha “amiga” fique com água na boca e louca de inveja.

Além disso, Senhor, que ele nunca me adivinhe os pensamentos e que eu tire da cabeça aquele fulano, que Tu sabes quem é. Mas, se é para minha felicidade, que aconteça logo e que seja um segredo só nosso. Meu, Teu e dele.

Olha pela humanidade, protege-me ainda de tudo quanto é ruim, principalmente de olho gordo, amém!

PRECE DE UM HOMEM

Deus,

Que os pensamentos do patrão sejam sempre desviados da vontade de me demitir; que o tempo passe rápido, para que eu termine logo de pagar os 25 anos de prestações do BNH; que meus filhos sejam ajuizados, não deem trabalho, na escola, e não sejam como fui na adolescência; que minha mulher acredite sempre em mim, mesmo nas coisas impossíveis de se acreditar; que ela não fique com olhares de interrogação e não faça perguntas indiscretas, quando chego tarde ou quando encontra uma simples marca de batom em minha camisa; que compreenda a natureza machista do homem de ter necessidades de conquistar e viver novos amores; que acredite que a minha precoce impotência é tudo culpa da situação econômica pela qual passa o país e me atinge; que nunca, jamais, eu tenha a infelicidade de ser morto em condições tão misteriosas quanto o PC e, ainda mais, ao lado de uma “namorada”; que aquela bela senhora deixe de lado princípios tolos e se arremesse aos meus braços; que sempre que eu esteja ao lado de uma linda mulher, seja visto por alguns amigos que não guardam segredo e, especialmente, por alguns inimigos. Que assim seja, amém!

RC/00

Desde a semana passada, Edinéia vinha avisando a todos os moradores sobre a exclusividade da TV na terça-feira. Nada de som e pedidos no horário do RC/96 - reprise. A filha mais nova, sempre rebelde e contestadora, argumentou que ela já tinha assistido, no fim do ano, e inclusive tinha gravado. "Não importa, vou assistir e gravar de novo. Faço todos os gostos de vocês, mas este não", respondeu Edinéia. Tudo resolvido, inclusive vinham umas amigas também do fã-clube do Rei para assistir juntas.

Na hora, as emoções de sempre, como se fosse a primeira vez que estivessem vendo aquilo. Roberto, sempre lindo e romântico. A plateia sentia o nó na garganta, quando ele chamava, como sempre, o seu amigo de fé e irmão, o Tremendão Erasmo Carlos. O marido de Edinéia, num canto da sala (fora permitida a presença, desde que não palpitasse e ficasse de longe), resmungou: "Esses dois, não sei não", insinuando maldosamente. Edinéia respondeu de supetão em defesa do Rei e ligou-se na TV. Na hora da canção dos óculos, enquanto as senhoras gritavam: "Lindo, lindo", o seu Aniquelando quase foi posto para fora, quando enciumado argumentou que o cantor que tinha hotéis, construtora e outros negócios, decerto, também, tinha alguma rede de ótica.

Edinéia continuava em seus sonhos e amor platônico, pensando que a carta que tinha enviado ao Rei dera resultado, pois, a cada ano, ele em seu disco colocava uma homenagem às mulheres que, como ela, nunca foram

SÃO TANTAS EMOÇÕES...



notadas. As baixinhas, gordinhas, de óculos. As amigas, entre risos, comentavam que ela tinha até trocado de óculos, usando agora um azul maior e mais imponente, necessário à sua miopia de 6,5 graus. Ela já meio alta, por conta dos uísques, dizia: “Se ele seguir a minha carta, o ano que vem vai homenagear as mulheres que usam dentadura.” E cantarolava um refrão: “Você com seu jeito sensual, não se acanhe, que usar dentadura é natural. No RC/97, 98 e 99 é surpresa, vocês só vão saber na hora. Mas, no ano 2000, no RC/00, se formos todos vivos, vocês vão ver o rei louvando as mulheres feias. Aí, sim, vai ser a nossa vez de estar em evidência. Observadas e paqueradas.” Aniquelando pigarreou forte para que o papo não se alongasse naquela linha.

Quando Roberto começou a cantar “Mulher de 40”, a turma na sala dançava e cantava junto. E juntas elas também puseram para fora, aos empurrões, o Aniquelando que estava palpitando demais. E Edinéia vibrava: “É minha carta, é minha carta.”

A entrada do novo filho do Rei foi emocionante. Edinéia dizia: “Isto sim que é papel de homem, olhe como

os olhos e o nariz parecem os do pai!” E todas elas, alegres, também se embalavam na “Estrada de Santos”.

Acabou o programa. Mas, em conversas sobre o passado do Rei, continuaram ouvindo uns discos antigos para matar a saudade, pouco ligando para o Aniquelando que batia na porta e reclamava do horário.

TRAIÇÃO DA RITA

Zeca, como fazia normalmente, deu uma parada no boteco do Magrão para tomar uma. Sentindo que a danada tinha lhe pego de jeito, resolveu ir para casa. Bateu na porta, mas precisou esmurrar para que Rita viesse abrir. Da janela semiaberta, percebeu um vulto que pulava o muro. Praguejou, começou a gritar e deu meia volta, retornando ao bar para pegar o revólver que lhe tinha oferecido o Capoeira, por um preço camarada, um pouco antes.

De posse do *três oitão*, veio alardeando pela rua que ia matar a sem-vergonha. “Onde já se viu trair um trabalhador que, se não está no serviço nem em casa, pode ir ao Bar do Magrão que, com certeza, está lá. Agora, vir com essa cachorrada. Vai ter de morrer.” Entra com tudo, fechando a porta. Rita, que nunca tinha visto Zeca daquele jeito, berra pedindo socorro e, da janela do sobrado, vê uma multidão que se aglomera, mas ninguém se atreve a invadir a casa e tirar o revólver da mão do traído.

Ligam para o 190 e, em poucos minutos, ouve-se sirene de bombeiro, polícia, equipe de resgate e polícia de elite no local. Posicionam-se. Dois vão pelo telhado, um outro embaixo faz mira, quando o casal se aproxima da janela com o cano do revólver encostado na cabeça da mulher. Dona Crotilde pega seu terço e começa a rezar, pedindo que a coisa não acabe em morte. Pé Grande, vendedor de jogo do bicho, não perde chance, transforma-se em dono de banca e faz um bolão sobre o resultado, com apostas ao preço de cinco reais com as seguintes opções: a polícia

mata Zeca; erra e mata Rita; mata os dois ou Zeca mata a mulher e sai ileso.

Na multidão, Corisco comenta que já havia notado que Rita tinha subido um pouco a bainha da saia para mostrar um pouco mais as pernas e que andava exagerando no batom vermelho. Guilhermando, primeiranista de Direito, repreende o tagarela, dizendo que o momento não é oportuno para colocar o povo contra a mulher, mesmo porque aquilo era argumento a ser usado em júri, na defesa do Zeca, dependendo do desfecho. E se fosse ele o advogado (tentaria ser pelo menos assistente), convocaria Corisco como testemunha. Satisfeito, por chamar a atenção para si, calou-se. Uma senhora que ouviu a conversa, metida a feminista, saiu em defesa da Rita. Os homens dão suas escapadinhas à vontade e a coitada da mulher, numa pulada de cerca, é apedrejada, linchada e até morta. Tonhão, marido da fulana, olhou feio; mas, pela primeira vez, deixou barato, porque qualquer atrito, com o lugar cheio de polícia e com sua folha corrida, sobriaria para ele.

Finalmente, a polícia invade a casa, encontra o vilão deitado no chão roncando, a mulher sentada num canto chorando. Tudo resolvido, a polícia saiu à procura do Capoeira para saber onde conseguiu a arma. A multidão se espalha, contrariada com o resultado. No bolão, ninguém ganhou, sendo que Pé Grande decidiu que o valor da aposta ficaria para a casa.

Pela manhã, Rita jura para Zeca que ele viu demais pelo efeito da bebida e ele pede perdão pela palhaçada, enquanto Corisco, no bar, confirma: “Pelo jeito da mulher, tem traição, mas a coisa só dói no começo, depois sara.”

SERÁ O BENEDITO?

Não se trata de referência ao livro do Mário Prata ou ao dito popular, mas ao que matutava Alaina. O que teria passado pela cabeça ou quais seriam as razões para a senadora Benedita da Silva apresentar um projeto de lei punindo o assédio sexual? Alaina, que já vinha se queixando de raras cantadas conquanto se pintasse, usasse vestes ousadas e mudasse o seu visual, para conquistar corações, revoltou-se com a notícia. Numa comitiva, fará uma viagem para Brasília tendo em mãos um extenso abaixo-assinado de aliadas, pedindo que não passe pela Câmara dos Deputados o tal projeto. Assinado inclusive por mulheres bonitas e paqueradas, com a observação de que se esclareça bem o que é o assédio. Deixar de ser observada, ou convidada para tomar um chope ou até de receber olhares insinuantes, pode ser um terror para uma mulher.

Dizia, no preâmbulo dirigido aos deputados, que a senadora carioca, certamente, deve saber do gingado e do espírito malicioso do brasileiro que, mesmo não querendo em verdade assediar sexualmente, solta galanteios e elogios. O que pode ter feito algumas damas corarem, mas também crescerem interiormente, principalmente em alguns momentos de depressão, em que é preciso sentir-se desejadas. Além de que, as mulheres brasileiras sabem muito bem se defender das cantadas e afastar os que não lhes interessam.

Já pensou Senadora, o que é ficar em uma danceteria sem que ninguém a convide para um drinque

ou para dançar? As coisas já não andam lá muito boas para o nosso lado, imagine agora com uma lei dessas. Será que vamos ter de engrossar a lista dos “Disque namoro” ou serão criadas áreas, onde será permitido ser paquerada sem risco de o paquerador ser processado?

Evidente que é inaceitável importunar e, grosseiramente, coagir alguém, seja homem ou mulher, à prática de ato libidinoso ou conjunção carnal. Mas, deve-se cuidar para que não vire moda, e que as mulheres não se aproveitem para sair difamando ou exigindo abertura de inquéritos para apurar crimes inexistentes. Observamos, ainda, que não se pode trazer ao estilo brasileiro leis estrangeiras de personalidades frias.

Alaina pensava se já havia chegado ao conhecimento do Adenalino aquele tal projeto. O fulano que sempre esteve nos planos dela e, embora lhe desse umas olhadas como quem quer coisa, nunca teve coragem de se manifestar. Com esta então, poderia ela tirar o cavalo da chuva porque ele se trancaria de vez.

Até Crotilde, que se gabava de ser a mais conquistada e badalada do bairro, assombrou-se diante das palavras de Alaina de que corria o risco de nunca mais levar uma cantada e ver-se impelida a ser a parte ativa na paquera. O que certamente a faria ser mais falada ainda na boca do povo. E ela sabia muito bem (espetava Alaina) como é que era chamada pela vizinhança. Crotilde arregalou os seus olhos azuis e assinou correndo o abaixo-assinado, trazendo ainda duas amigas de farra para enfileirar a lista.

Por aqui, por elas e por nós, ficamos torcendo para que Alaina e sua comitiva tenham sucesso em Brasília.

TRAIÇÃO

Enedina andava encafifada com o comportamento do seu marido. De uns tempos para cá, cuidava-se demais. Por diversas vezes, pegou-o diante do espelho caprichando no penteado e perfumando-se. Escolhia com demora as roupas, reparava se estavam bem passadas e até combinava a cor das meias com a da calça. Sapatos sempre bem lustrados, unhas bem cuidadas. Antes de sair, ia várias vezes admirar-se e arrumar-se.

Ernani, que sempre chegara em casa no horário, agora era dado a atrasos e, quando era questionado, vinha com colocações evasivas, quando não com respostas brutas, coisa que nunca foi dele. Até aí, tudo bem e perfeitamente suportável, dizia para a amiga, mas faltar aos deveres do casamento já era demais. Tinha coisa e ela iria descobrir. Era capaz de matar os dois e suicidar-se.

A calcinha preta esquecida, no porta-luvas do carro dele, foi a gota d'água. Era muito descaramento. Em dúvida se partia para o escândalo, arrebatando a cara do sujeito, ou dissimulava para pegar no flagrante. Aconselhada pela Ditinha, resolveu investigar para descobrir quem era a amante e quebrar os dois no pau. Foi quando resolveu contratar os serviços profissionais do Water, detetive particular, que lhe assegurou descobrir em pouco tempo quem era a fulana e fazer um relatório completo do caso.

Endividou-se um pouco para pagar pelos serviços, mas quem se preocupa com dívidas numa horas dessas? Afinal, amigas são para ajudar as outras.



Independente disso, ela continuava vigiando e procurando coisas. Enervava-se com o perfume borrifado no carro e mais ainda com o descuido dele, quando encontrava alguma coisa como um brinco caído e um par de meia-calça no porta-malas. Pelo visto, a fulana gostava de cores extravagantes, pois achara um biquíni vermelho embrulhado para presente nas coisas dele.

Entrou no escritório do Water com o coração batendo e cobrando: “Fala logo quem é ela.” Ainda mais que desconfiava de uma “amiga” meio fresca e com manequim igual ao da tal calcinha.

Com as fotos nas mãos e ao som da gravação de uma voz melosa que desconhecia nele, chorou. A pose do Ernani de calcinha preta e enrolado naquele corpo másculo era demais para ela. Se fosse outra, ainda era aceitável e discutível. Mas, entregar-se a outro, era muita traição. Como fora idiota e não percebera, quando ele fazia as unhas

duas vezes por semana, uma vez por mês fazia limpeza de pele, estava sempre passando creme nas mãos, o trato com as sobrancelhas, perguntas sobre produtos de beleza e enrijecimento?

Ernani assumiu de vez e montou casa com o fulano e, às vezes, sem qualquer constrangimento, é visto de mãos dadas com o namorado em passeios. Enedina, que ainda passa pelo vexame de ser apontada em restaurantes e percebe cochichos, arrepende-se de ter cutucado no que estava quieto. Agora, ela sempre aconselha as amigas a nunca investigarem vida do marido e nem ligar se, por acaso, encontrarem alguma peça íntima nas coisas dele. No que acho que está certíssima.

PROCURA-SE UMA MULHER

Cansado de tanto ouvir a mesma ladainha, de ser mandado embora de casa, resolvi criar vergonha e, orgulhosamente, avisar para a Tirolinda que iria arrumar minhas coisas e procurar um outro canto. Ela caiu de pau: “Eu sabia que qualquer dia você iria aprontar uma dessas. Estava esperando uma oportunidade e, com certeza, vai se amigar com alguma vagabunda. Não falei que tinha coisa?” Contra-argUMENTEI que era ela mesma quem estava me enxotando e que, toda vez que eu chegava com umas a mais, ela vinha com brigas e xingos. Onde já se viu? Mulher que se preza e dá valor ao marido não apronta dessas. “Vou e não me venha com choradeiras.”

Enquanto aos tropeços arrumava minha tralha numa mala, a danada resmungava e desenterrava defunto, bebericando um uísque, não estava nem aí com minhas insinuações de que ela também iria se embebedar. Pensei que ela fosse fazer escândalo, ameaçar me matar, esconder as chaves. Qual nada. Filosofava. Sabe que eu nunca tinha percebido que a Tirolinda se ligava em certas coisas e percebia outras? Falou-me umas poucas e boas. Mas a última, a saideira, foi doída e me deixou até meio encucado. Com lágrimas nos olhos, numa voz doce: “Quantas vezes rezei para que fosse tratada por você como se fosse uma estranha. Como você é terno e trata com carinho e respeito os estranhos. Eu que era tua, desejava ardentemente ser

vista por ti como se não fosse. E pensava com meus botões, Armerindo, que raiva embutida é essa que ele tem de mim e se manifesta no trato e na impaciência?"

Juro que tive de me segurar para não desfazer a mala e chorar junto. Enfim, hoje já refeito, sem qualquer rancor ou mágoa das mulheres, procuro uma, porém, antes de iniciar qualquer namoro e avaliação de qualquer pretendente, já mostro uma pequena lista de predicados necessários:

- Asseada e de bons conhecimentos culinários;
- Que não reclame nunca das minhas chegadas tarde, bêbado ou lúcido, e nem venha com olhares de peixe morto;
- Que não implique, quando eu quiser sair desacompanhado, mesmo bem arrumado e nos fins de semana;
- Que não vistorie meus bolsos e nem ausculte meus telefonemas. Que quando eu quiser, venha e quando não, durma;
- Que não me envolva nos problemas familiares e muito menos psicológicos de amigos e empregada.

Tirolinda ficou sabendo e entre raiva e graça, gargalhou a valer. Mas, não adianta rir Tirolinda, porque vou te mostrar que ainda tem mulher querendo ser feliz. Mulheres que um tempinho atrás não era difícil de se encontrar.

Eu vou achar.

ZARROIO

Sujeito baixo, com leve desvio na visão, vestido sempre a rigor, não importa onde se encontre. Mesmo nos morros e favelas está ele com sua maneira imponente de se vestir. O apelido foi colocado pelo Maluco Beleza que é exemplar criador de alcunhas. Tem gente que até evita se encontrar com o Maluco Beleza, porque seus apelidos são daqueles que pegam mesmo. Em consideração ao amigo, respeita o original e corrige qualquer engraçadinho e metido a sábio que o chame por Zarolho.

Desde que conheço o Zaroio, suas atividades estão ligadas à criação de crimes. Insuperável idealizador de planos, sempre cheio de encomendas, nunca o vi reclamar de crise. Por questão de ética, não participa da execução de nenhum e guarda segredo absoluto sobre seus mandantes, que são do conhecimento só do assistente Cambito. Orgulha-se dos seus projetos serem sempre de sucesso, exceto aqueles em que os executantes tenham, por conta própria, alterado seus traçados. Sabendo que os executores estão agindo de forma diversa do indicado, abandona o caso, sem dar mais qualquer palpite, deixando o fulano cuidar por seu inteiro risco. Grandes e noticiados crimes de autoria desconhecida passaram pela sua prancheta e seu PC 486 DX4. Crimes bobos e pequenos foram criados para fazer favor a algum amigo ou ajudar algum estelionatário em baixo astral, os quais, geralmente, são produzidos e aplicados no dia a dia.

O caso do Queixada foi encomendado, mas com gente grande no meio, porque o pobre Queixada não tinha



grana para bancar sozinho. Para idealizar uma nova igreja, treinar testemunhos e transformar o cabeça dura do Queixada no pastor Genaro foram necessários três anos de exercício e prática, possível só mesmo para o Zario. E o plano é para findar em dez anos com lucro alto para todo mundo.

Não o via há mais de três anos. Não é à toa que reclamou do meu sumiço.

É do Zario também o plano da “paquera de risco” que foi praticada, em primeira mão, pelo mesmo Queixada, com a Sandrinha. Num *shopping* qualquer, uma bela se finge de casada e se deixa paquerar por um sujeito

acompanhado de sua mulher. Numa chance, passa-lhe o telefone e fica no aguardo da ligação que, geralmente, ocorre. Depois de muita dor de consciência, ela trai pela primeira vez. Um dia, o marido ciumento “descobre” tudo e o galã é obrigado a montar apartamento e manter o *status* da madame por longo tempo, sob pena de chegar o caso ao conhecimento da família. Por estas e por outras é que, aconselhado pelo Zaroio, se vejo aliança, na mão esquerda, não paquero mulher, principalmente se eu estiver perto da minha.

Com certeza, no lançamento deste livro estará circulando solitário e vestido a rigor, com sua gravata borboleta, bebericando, observando e saindo sem alarde.

MUDANÇA DA JUSTINIANA

Justiniana era o que se podia chamar de mulher brava. Bastava o coitado do Quindinho querer se manifestar, para levar seus pitos. Controlava, desde os poucos amigos que ele possuía, até os seus pensamentos, pois tinham de prevalecer os dela. E aí do Quindinho, caso se manifestasse contrariamente às ideias dela. Não importava onde estivesse e na frente de quem, que ele levava broncas, sem direito a revide. De tudo tinha de lhe dar satisfação e, segundo comentários maldosos, se não houvesse permissão da mulher, nem ao jogo de truco na praça ele iria. Passeios ou uma cervejada, à noite, com amigos, nem pensar. Do serviço para casa e da casa para o serviço, sem direito a atrasos injustificados. Tremia e temia, ao que fico a imaginar como seriam os seus momentos de privacidade em parceria.

Num belo dia, cansado de ser feito de gato e sapato e incentivado por amigos (amigos ajudam a decidir), resolveu gritar e aceitar, sem qualquer reserva, a decisão da mulher de que ele abandonasse de vez o lar. Você vai ver o que é bom, dizia ela. Tudo que ele vinha remoendo, nos últimos dias, e planejando fazer no momento da separação, não teve coragem. Vinha alimentando a ideia de falar umas verdades, enfrentar com dureza a fera e se ela respondesse (e ele iria fazer tudo para que ela retrucasse), ele aplicaria uma sova que estava engasgada na vontade

há muito tempo. Teve desejo, mas não teve coragem de virar-se, quando já saindo, ela gritou em voz estridente: “Você vai voltar rastejando e pedindo pelo amor de Deus para que o aceite de volta e aí, vai ser do meu jeito.”

Mas, com o passar do tempo, Justiniana percebeu que Quindinho não ia mais voltar, mesmo porque já andava enrabichado com uma pernambucana. Foi, a partir daí, que ela resolveu mudar de comportamento. Nunca é tarde para ser feliz, dizia. Ficou com a voz mais macia, cheia de gentilezas. Resolveu fazer um curso de dança, para o que contratou os serviços profissionais de um *personal trainer* e vinha avançando, vez que, no passado, era ela quem conduzia na dança e determinava o ritmo; agora, já se deixava levar e respondia pacientemente aos comandos do cavalheiro. Dancei com ela umas duas vezes e percebi que estava mais cadenciada e flexível. Ensaiei uns passos estranhos e ela aceitou, numa boa, e sorriu numa pisada no seu pé. Percebi que era outra e, numa conversa informal, sugeri ao Quindinho um retorno com possibilidades de felicidade, o que foi descartado. Mas, como sempre tem alguém sozinho e quem procura sempre acha, surgiu na vida da Justiniana o Armenegildo e o romance, ao que tudo indica, vai bem.

No momento em que a amiga que sempre a aconselhou, quando casada com o Quindinho, sabendo do seu novo amor, chegou com a conversa de que fosse durona e não deixasse o cara dominá-la, o sangue ferveu. Por sorte, Justiniana estava levando a sério o seu novo comportamento, o que a impediu de voar nos cabelos da fulana, mas não deixou de lhe insinuar inveja e xingá-la de feminista sem rumo, jogando-lhe, ainda, na cara a culpa dos tempos em que sofreu na solidão e a perda do grande marido que era o Quindinho.

COISAS DA VIDA

Zizelanda, sentada na calçada, enrolada numa coberta esfarrapada, com sua perna cheia de feridas e não menos o coração, sentiu inveja de uma coruja que, dias atrás, ao ser atingida por uma linha de cerol foi socorrida, cuidada de tudo quanto é jeito e até foi chorada, quando morreu. Instigou a inveja no Beletinho, prestes a morrer de fome e que implora, no seu dia a dia, restos de comida, sem se importar com validade vencida ou cheiros esquisitos, apontando-lhe a matéria de como vivem os animais de estimação de muita gente. A luta de todo o mundo pela preservação e vida dos animais. E com desdém, brincava: “E um animalzinho lindo como tu, embora sujinho e desdentado, bicho-menino, aí, sem eira nem beira, doente de fome e sem ter quem se interesse.”

Antonio Carlos Magalhães, quando governador da Bahia, indenizou turistas estrangeiros que foram assaltados em Salvador. No Rio, turistas estrangeiros serão indenizados por roubo. E nós, pobres brasileiros, quando roubados também não temos direito a um ressarcimentozinho, não? Se a moda pega, podem criar um imposto para indenizar turistas roubados no Brasil.

Anúncio possível e provável nos próximos dias: Precisa-se urgente de motorista que assine declaração de estar dirigindo veículo que cometeu infração grave (7 pontos). Paga-se bem.

TRAIÇÃOZINHA

Sizelando foi encostado na parede. Sentiu que o assunto era sério, quando ela chegou, e ele, sentado na sala, lendo o jornal, foi interrompido, coisa jamais permitida. Apesar de Clementina ser sempre de dramatizar as situações, ele pressentiu que tinha razões para também se encucar. “Quero falar com você agora.” Ao encostar seu jornal, ela chamou a empregada e mandou que levasse as crianças para a casa da sua mãe e aguardasse ser chamada de volta. Sizelando já estava se irritando com aquela interrupção da leitura, mas diante do quadro, achou por bem ficar quieto. Depois de tudo arrumado, ela abriu sua bolsa e, quase a enfiar-lhe pelos olhos, apontava um relatório do detetive que contratara para lhe vigiar os passos.

Entre choro de raiva e xingos, amaldiçoava o dia em que se unira a um cafajeste capaz de trair uma mulher honesta e dedicada ao lar como ela. E lia: “Marieta, Justiniana, Claudinete, Martina, Suzete...” Sizelando, sem nada responder, pediu licença para se servir de um uísque e tomou uma dose num gole só. A mulher ameaçava quebrar-lhe a cara, antes que ele desocupasse a casa, o que deveria fazer de imediato, sob pena de ter jogadas suas roupas na rua. Ele pediu que ela se acalmasse por um instante e o escutasse. Claro que não era de se desejar que ela aceitasse aquilo, passivamente, mas também não era de se desesperar e querer agredi-lo. “Quantas são aí? Quinze, dezesseis? Faltam mais, Clementina. Muito mais. E você deveria se sentir ofendida e trocada se fosse uma só. Se eu estivesse indo atrás de uma outra mulher, uma



única, estaria amando outra, com o risco de abandonar-te e ter um outro lar. Uma só, certamente, estaria exigindo de mim que escolhesse entre ela e você, e eu teria de escolher. Que traição desenfreada é esta com mais de não sei quantas mulheres? Não quero dizer que não sou canalha, mas antes de bandido, doente. Sim, porque fui ludibriado pelos olhos melosos e de cor de cereja de Martina, derreti-me nos lábios carnudos e avermelhados da Claudinete, embriaguei-me ao admirar os seios sensuais da Marieta, desejei o corpo bem formado da Mariana, cedi ao impulso de tocar e pentear os cabelos da Marta, não resisti ao sorriso alegre e descontraído da Rosalina, não consegui soltar as mãos suaves da Cremilda, ao jeito triste e de abandono da Noeli, entreguei-me à conversa mole e descabida da Francisca, e muitos outros motivos que me fizeram aproximar e até ficar, por uns momentos, com alguma mulher. Na minha cabeça, pergunto: que mal há nisso? O desejo não é pecado? E aumenta muito o pecado e a pena concretizar o que se desejou? Quando menino ainda, pensamentos maus passavam pela minha cabeça e eu me penitenciava por eles, mesmo sem tê-los concretizado. Estava metido

em mim que por pensamentos se peca. Eu não conseguia afastar os pensamentos pecaminosos. E quem resiste e domina os seus sonhos, sonhando apenas o que quer e o que é moralmente bom? Errei e, humildemente de joelhos, peço-te perdão, por ter comigo esta doença de uma traiçõzinha vez ou outra, mas que, nem por isso, diminui meu amor por você. Juro que nunca trocaria você por nenhuma delas e você é a mulher que eu amo.”

Correu a primeira lágrima. E os dois choravam, enquanto ela o fazia jurar que não a trairia mais, embora ele soubesse que aquela jura era de mentirinha e que a sua doença não tinha cura.

COISAS DO NATAL

Não há como impedir que se repitam todos os anos os meus pedidos e esperanças de mudanças no ano seguinte.

No trabalho, o jantar de confraternização com as mesmas conversas de desejos de progressos individuais e da empresa. O discurso do diretor (depois de uns uísques), falando da importância social da sua empresa que, embora pequena, contribui na luta contra o desemprego e para o progresso do país. E que confia no empenho de todos, no ano seguinte, para melhoria geral. O Edilando, como sempre, toma a palavra para agradecer ao patrão a oportunidade de estarem ali reunidos e pede a Deus que os negócios sejam favoráveis à empresa, no novo ano, além de saúde para todos os presentes.

Dilermando continua lançando olhares melosos e insinuações para Clotilde e poderia até ser denunciado por assédio, não fosse a moça (embora comprometida) lhe sorrir e, visivelmente, dar esperanças de aceitar sua oferta de carona que, ao que tudo indica, este ano acontece. Os cochichos das companheiras com dor de cotovelo também se repetem.

No prédio, como sempre, a coleta de dinheiro para o lixeiro é um arraso. Individualmente, é vergonhoso, imagine entregar o presente como coletivo! Enoquinho deu um real e pediu o troco. E os condôminos ainda ficam de olho para ver como vai ser o Natal do síndico. Qualquer anomalia é desconfiança de desvio de verba da caixinha do lixeiro. Mas se cuida, viu, doutor Euclídiano que, no

ano que vem, vou ser síndico e aí a coisa é comigo. Vou publicar a lista com os valores recebidos e teus cinquenta centavos vão encabeçar a lista.

Em casa, pode anotar que vai ser igual. Aquele meu cunhado vai chegar de cara cheia, resultado de encontro com amigos. O outro, depois de uns goles, vai brigar com a mulher, que não vai deixar por menos e vai dizer tudo o que segurou durante o ano. Aquele sobrinho vai ligar um rock nas alturas, chamar a mãe de careta, quando ela pedir para trocar por uma música mais lenta e vai acabar prevalecendo a vontade dele. O menorzinho vai cair no berreiro para abrir o presente antes da meia-noite e a mãe, que para beber à vontade, deixou de tomar seu Gardenal, vai dar-lhe uns sopapos (bem merecidos e satisfazendo meus desejos reprimidos).

O marido vai chamar-lhe a atenção e se desencadeará outra briga de casal. Minha sogra lançará seus lamentos pelo desprezo dos filhos e falta de educação dos netos, coisa que nunca admitiu nos filhos que sempre a respeitaram e se intimidavam diante de um simples olhar. Aquela minha cunhada vai estar com um namorado novo. Certamente, um tipo esquisito. Eu, vou estar no meu canto, tomando todas com a desculpa de ficar anestesiado e nem ligar para tudo que está ocorrendo nesta noite de harmonia e aproximação com Deus.

Dona Floriana, cristã fervorosa, como nos Natais anteriores, puxará o canto e fará uma oração, agradecendo o ano que se finda e pedindo dias melhores para o que se aproxima, embora tenha consciência de que, neste ano, ela definhou mais e as coisas lhe foram piores, o que vem ocorrendo ano após ano e que, no próximo, ao que tudo indica, isso vá continuar. Mas, nem por isso reclama ou deixa de acreditar em Deus, e que as coisas pelas quais ela passa são uma provação e a recompensa serão dias maravilhosos, numa outra vida.

VOLÚPIA

Já estavam casados há muito tempo. Ele esbanjava carinho e afagava-lhe os cabelos, enquanto ela desejava um beijo ardente e apaixonado como nos tempos de namoro. Falava-lhe de assuntos concretos e seguros, mas ela pensava em riscos e extravagâncias. Levava-a para passear pelos campos, falava-lhe sobre a beleza da vida, o enigma e o simbolismo de Deus em todas as coisas e ela pensava em pecados e diabruras. Por mais que tentasse, ela não conseguia acompanhar seus pensamentos, que se modificaram com o tempo. Preferia o barulho, conversas fúteis e descompromissadas àqueles pensamentos profundos e silêncio mortal.

Por diversas vezes, respondeu, afirmativamente, sem ao menos ouvir o que ele tinha dito. E ele, mesmo quando percebia, numa altivez suprema, não reclamava. E pelo jeito dele lhe falar e acariciar, não deixava nenhuma esperança de que viesse a ser diferente. Mesmo quando se oferecia toda coquete e sensual, ele não percebia, ou não queria. E ela pensava na distância a separá-los. Ela estava na terra, e ele no céu.

Enfim, criou coragem e resolveu levar a sério uma aventura impensada. Separou-se para juntar-se a um rapaz um pouco mais velho que seu filho. Enfrentou todas as adversidades, desde a recriminação da mãe, revolta da filha, virada de cara e gracejos. Contrapôs-se aos conselhos de coerência e juízo. Em algumas amigas percebeu espanto e inveja pelo desafio. Em muitas mulheres percebeu olhares desejosos e confusos. Viveu inesquecíveis noitadas regadas a bebida, danças e risos. Beijos apaixonados em

plena rua com a loucura dos amantes. Por várias vezes, amanheceram na praia, após embriagar-se de bebida e de amor. No carnaval, pulou todas as noites, divertiu-se a valer e, como se não bastasse, na quarta-feira de cinzas, estava dançando no encontro dos trios elétricos na Praça Castro Alves, em Salvador, com um minúsculo biquíni azul. Ele não censurava suas vontades e doidices, ao contrário, acompanhava-a e estimulava seus excessos e excentricidades.

Viveram momentos alegres e descompromissados até que, sem perceber, ela começou a vigiar-lhe os passos, os olhos e tentava adivinhar seus pensamentos. Aos poucos, tentava roubá-lo dos amigos, trazendo-o para um mundo só seu. Encafifava-se em pensamentos embaralhados e desconfiava dos olhares e beijos fraternos em alguma amiga da filha ou nela própria. Sofria nos momentos em que ele não tinha os mesmos desejos que ela. Foi violenta e desumana quando, querendo levar a vida muito a sério, resolveu romper, dando fim a um romance que tinha tudo para ser uma longa e linda história de amor.

COMO CONQUISTAR SUA MULHER

Constata-se, via de regra, a convivência diminuindo ou esfriando os impulsos, entretanto, não causa espanto que o mesmo homem apático, em relação à sua mulher, morra de desejos e possa até cometer asneiras e loucuras por uma outra. E, ainda, que a sua própria mulher seja objeto de desejo de outros. Isto não quer dizer que todo homem que não quer nada com a sua mulher esteja predisposto a procurar outra, mas o natural é a necessidade de parceria e a busca desta. Pensando nisso, foi que resolvi levantar a bandeira, buscando companheiros para juntar ideias e lançar as regras de como conquistar a sua própria mulher.

Perguntei-me: como um amor que era um grande oceano, transformou-se num braço de mar, virou um pequeno riacho e hoje é apenas um tênue fio d'água visível somente por quem tem a vista muito apurada?

Percebi que não mais elogiava o seu rebolado cadenciado, desestimulando toda a sua sensualidade, que foi uma das razões do nosso início de namoro.

Notei que censurava sempre a sua saia acima dos joelhos e a proibia de usar roupa justa, que a deixava num estilo modelo e chamava a atenção. Se fosse outra mulher, eu acharia lindo.

Observei que os seus comentários não eram por mim ouvidos e não levava suas ideias em consideração para minhas tomadas de decisão. E pior. Ela quase já não

tinha ideias e pensamentos próprios. Pelo menos não os expressava a mim.

Foi aí, e olhando-a como se fosse uma estranha que precisaria ser conquistada, que passei a elogiar seus cabelos, seu corpo e seu sorriso.

Ela estranhou, e os amigos também, quando a convidei, sem o tom imperativo da pergunta, a acompanhar-me ao cinema e pedi-lhe que usasse aquela saia. Ela não esperava e derreteu-se no escurinho do cinema, quando lhe acariciei as pernas um pouco acima dos joelhos, o que foi estímulo para um beijo demorado e com sabor de início de namoro.

Ela se surpreendeu quando, numa tarde, telefonei-lhe no emprego e propus que alegasse uma dor de cabeça para sair e que escapássemos para um passeio pelo parque. Quando lhe fiz um convite para viver momentos de amor, num motel, ela achou que eu estava endoidando, mas embarcou na loucura também.

Minha mãe confidenciou que achava que eu não estava muito bem da cabeça quando, à meia-noite de uma noite fria, acordei para olhar as crianças para irmos a uma danceteria. E saímos a sorrir, enquanto ela balançava a cabeça preocupada com aquele comportamento de enamorados.

Quando numa reunião de fim de semana, num momento de silêncio, falei-lhe que seus olhos estavam com um brilho atraente e nos beijamos de forma ardente, amigos me chamaram num canto e falaram que aquilo era coisa de se fazer com amante, enquanto as mulheres questionavam que mandinga ela fez para o marido cair por ela.

É difícil cortejar o que se acha que tem direito, mas já tem uns dois amigos que engatinham no esquema de conquistar a própria mulher e já pensam em fundar um clube para o qual aceitam sugestões de nome.

Glossário

- Aberração** - Defeito, distorção.
- Alarde** - Ostentação, exibicionismo.
- Alento** - Coragem, ânimo.
- Apático** - Indiferente; que denota falta de energia, indolente.
- Artimanha** - Artificio astucioso; arдил, manha.
- Assédio** - Insistência importuna, propostas, pretensões.
- Beldade** - Mulher bela.
- Brio** - Sentimento da própria dignidade; ânimo, coragem, valentia.
- Circunstância** - Situação, estado ou condição de coisa(s) ou pessoa(s), em determinado momento.
- Close** - Primeiro plano de uma imagem.
- Crasso** - Grosseiro, rude, bronco.
- Decrépito** - Muito idoso, ou muito enfraquecido e desgastado fisicamente.
- Desatinado** - Falto de tino; fora de si; louco, estouvado.
- Desdém** - Desprezo com orgulho; altivez, arrogância.
- Efusivo** - Expansivo; comunicativo.
- Encafifar** - Teimar, cismar.
- Enrubecer** - Tornar vermelho ou corado.
- Escabreado** - Zangado, irritado, desconfiado, retraído, resabiado.
- Esnobe** - Exacerbado sentimento de superioridade.
- Estereótipo** - Lugar-comum; clichê, chavão.
- Eutanásia** - Prática, sem amparo legal, pela qual se busca abreviar, sem dor ou sofrimento, a vida de um doente reconhecidamente incurável.
- Evasiva** - Desculpa ardilosa; subterfúgio, escapatória.
- Evidência** - Certeza manifesta; que não oferece dúvida.
- Excentricidades** - Extravagâncias, esquisitices.
- Exímio** - Distinto, eminente, excelente.
- Êxtase** - Arrebatamento íntimo; enlevo, arroubo, encanto.
- Floreado** - Fazer figura no salão de dança; fazer vista; brilhar.

Fresta - Abertura estreita na parede; fenda.
Galanteio - Atenções amorosas; fineza, namoro.
Galhofa - Gracejo, risada, zombaria.
Hímen - Prega formada pela membrana mucosa da vagina.
Ileso - São e salvo.
Indulto - Perdão, graça, desculpa.
Íngreme - Difícil de subir; que tem forte declive; abrupto.
Júbilo - Grande contentamento; alegria intensa.
Mancebo - Rapaz, jovem.
Metódico - Que tem, ou em que há método; comedido, prudente.
Molinete - Parafuso.
Palmatória - Tábua de madeira com a qual se davam golpes nas mãos para castigar.
Paulatinamente - Feito aos poucos; lentamente.
Perspicácia - Agudeza de espírito; fineza, senso de observação.
Persuadir - Convencer, induzir, aconselhar.
Pigarro - Embaraço na garganta que produz um ruído característico.
Platônico - Amor Puro; idealizado.
Preâmbulo - Palavras ou atos que precedem as coisas definitivas.
Precoce - Prematuro, antecipado; temporão.
Sacrilégio - Ação digna de censura ou reparação; ato condenável.
Sinuoso - Manhoso, astucioso, ardiloso.
Sopesar - Levar em conta; avaliar; considerar.
Supetão - De súbito; de repente; repentinamente, imprevistamente.
Retrógrado - Que é contrário ao progresso.
Retrospectiva - Observação, ou análise, de tempos ou coisas passadas.
Sisudo - Sério; grave.
Soslaio - Olhar de lado, obliquamente.
Tralhas - Objetos usados em pescarias.
Veemência - Eloquência comovente; grande energia; vigor.
Vislumbrar - suposição, hipótese.
Volúpia - Grande prazer dos sentidos; grande prazer sexual.



Chegamos ao vigésimo ano do Grupo Projetos de Leitura que iniciou as suas atividades de incentivo à leitura em 1998, com o projeto Encontro com o Escritor. A partir daí vários projetos foram criados e desenvolvidas diversas atividades de incentivo à leitura com a proposta de desmistificar o slogan “brasileiro não gosta de ler” e contribuir para a formação de um Brasil Leitor. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar, entre outros, os projetos de leitura **Ler é Bom, Experimente!**, **Lendo na Escola**, **Leitura no Parque**, **Viajando na Leitura** e **Dose de Leitura**.

No projeto **Ler é Bom, Experimente!** são doados lotes de 38 a 114 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos e no final é publicada uma coletânea com os melhores textos produzidos pelos estudantes. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos e é realizado em terminais rodoviários de ônibus, aeroportos e estações do metrô, com a proposta que após a leitura o livro seja “esquecido” em outro local público.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes. São doados aos hospitais um carrinho expositor das obras e um lote de livros.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e ao público em geral, nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor e em parceria com as Secretarias de Educação, de Cultura e de Turismo dos municípios.

Obras do Autor



- Quinho
- Radar, o cãozinho
- Bia e a sua gatinha Pammy
- Quem sou eu
- Minha história
- Quinho e o seu cãozinho - Um cãozinho especial
- Quinho e o seu cãozinho - Novos amigos
- Quinho e o seu cãozinho - Férias na fazenda
- Quinho e o seu cãozinho - Acampamento escoteiro
- Nick e o passarinho falante
- Sofia - Ser solidário é dez
- Nick e Bia na Floresta Encantada
- Acontece... (impressão regular e em braille)
- Nos Bastidores do Cotidiano (impressão regular e em braille)
- Espionando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braille)
- Acredite se quiser! (impressão regular e em braille)

E-mail

laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Minha Escola Lê

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Leitura não tem Idade

no site:

www.projetosdeleitura.com.br



E-mail: contato@projetosdeleitura.com.br

(11) 2743-9491 – 2743-8400

WhatsApp: (11) 95272-9775

Facebook: facebook.com/projetosdeleitura

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.